



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

REJANE BARROS DA SILVA

**DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM: O QUE OS (AS) PROFESSORES (AS)
PRECISAM SABER**

CAMPINA GRANDE – PB

2012

REJANE BARROS DA SILVA

**DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM: O QUE OS (AS) PROFESSORES (AS)
PRECISAM SABER**

Trabalho monográfico apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB em cumprimento a exigência para a conclusão do Curso de Pedagogia.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª Maria da Guia Rodrigues Rasia

CAMPINA GRANDE – PB

2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

S381d

Silva, Rejane Barros da.

Dificuldades de Aprendizagem [manuscrito]: o que os (as) professores (as) precisam saber / Rejane Barros da Silva. – 2012.

66 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2012.

“Orientação: Profa. Dra. Maria da Guia Rodrigues Rasia, Departamento de Pedagogia”.

1. Aprendizagem. 2. Desenvolvimento. 3. Zona de desenvolvimento proximal. I. Título.

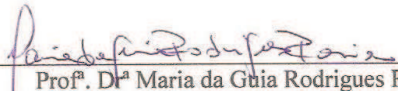
21. ed. CDD 153.15

REJANE BARROS DA SILVA

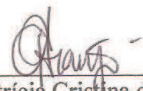
**DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM: O QUE OS(AS) PROFESSORES(AS)
PRECISAM SABER**

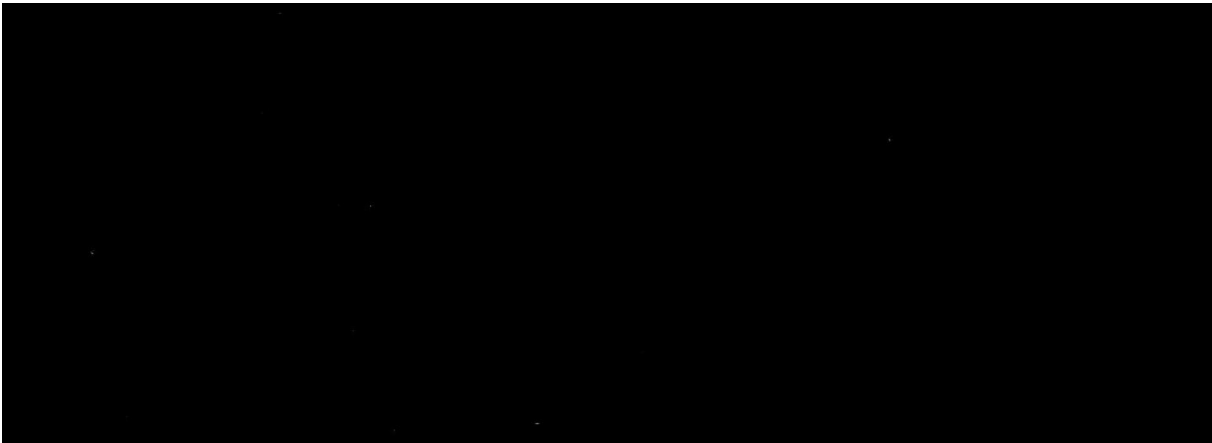
Aprovado em: 03 / 07 / 2012

BANCA EXAMINADORA


Prof.ª. Dr.ª Maria da Guia Rodrigues Rasia
(ORIENTADORA – UEPB)


Prof.ª. M.ª Livânia Beltrão
(EXAMINADOR(A) – UEPB)


Prof.ª. Dr.ª Patrícia Cristina de Aragão Araújo
(EXAMINADOR(A) – UEPB)



Dedico às professoras que atuam na escola pesquisada, pois sem elas a pesquisa não teria resultados e com isso não existiria este fruto.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por guiar os meus caminhos e por permitir que alcance os meus objetivos. A minha orientadora, Maria Da Guia Rodrigues Rasia por conduzir os meus estudos sobre as dificuldades de aprendizagem que resultaram na produção deste trabalho, pela sua paciência e dedicação e por me ajudar a superar algumas de minhas dificuldades. A minha família, ao meu pai e ao meu esposo que caminharam comigo durante todo este percurso, compartilhando os medos, as angústias e as vitórias.

Por fim a diretora da escola campo de pesquisa pela sua receptividade, e principalmente as professoras que participaram do processo de construção deste trabalho por meio de suas contribuições, autorizando a observação de sua prática e respondendo a entrevista estruturada, que foi verdadeiramente significativa para que este trabalho se constituísse. Agradeço também a todos os docentes e amigos que de forma indireta contribuíram com a concretização deste trabalho.

RESUMO

O texto aqui apresentado é um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), que trata das dificuldades de aprendizagem, contribuindo com o enriquecimento do conhecimento das professoras que atuam nas primeiras séries do ensino fundamental, por trazer informações e discussões que devem ser de conhecimento destes profissionais. Desenvolveu-se uma pesquisa de campo realizada em uma escola municipal da cidade de Campina Grande a qual foi denominada de Escola do Riacho das Piabas. Cujo objetivo foi saber o que as professoras da referida escola sabem sobre o tema. O percurso metodológico teve caráter qualitativo e se utilizou da observação participante e da entrevista estruturada na coleta dos dados. A análise dos dados a partir das referências de Vigotsky (2001 e 2007), Fonseca (2009), Ciasca (2003) revelou que as professoras possuem algum conhecimento sobre as dificuldades de aprendizagem, mas tal conhecimento precisa ser aprofundado para que possam acompanhar e realizar uma intervenção com maior segurança e eficiência. Conclui-se este trabalho destacando a sua relevância para os profissionais que atuam nesta área do conhecimento.

PALAVRAS CHAVE: Dificuldade de aprendizagem. Desenvolvimento. Zona de desenvolvimento proximal.

ABSTRACT

The text presented here is the Work of Conclusion of Course (TCC), that it deals with the learning difficulties, contributing with the enrichment of the knowledge of the teachers that they act in the first series of basic education, to bring information and discuss that they must be of knowledge of these professionals. The research of field was developed carried through in the municipal school of the city of Campina Grande which was called of School of the Stream of the Piabas. Whose objective was to know what the teachers of the related school know on have it. The methodological passage had qualitative character and if it used of the participant comment and the interview structuralized in the collection of the data. It analyzes it of the data from the references of Vigotsky (2001 e2007), Fonseca (2009), Ciasca (2003) disclosed that the teachers possess adds knowledge on the learning difficulties, but such knowledge he/she needs to be gone deep alone that they to follow and to carry through an intervention with bigger security and efficiency they been able to not. This work is concluded detaching its relevance goes the professionals who act in this area of the knowledge.

KEY WORDS: Difficulty of learning. Development. Zone of proximal development.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 CONCEITUANDO AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM.....	10
1.1 Dificuldades ou distúrbios de aprendizagem?	10
1.2 Identificando as dificuldades de aprendizagem	15
1.3 Principais distúrbios de aprendizagem	18
2 A APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA	22
2.1 O conceito do comportamento anormal.....	22
2.2 A aprendizagem da criança com deficiência	23
2.3 Deficiência mental (psicopatia)	26
2.4 Os comportamentos anormais da vida cotidiana	27
3 O DESENVOLVIMENTO E A APRENDIZAGEM	29
3.1 Posições teóricas acerca do desenvolvimento e da aprendizagem	29
3.2 A importância da aprendizagem para o desenvolvimento cognitivo.....	32
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	37
4.1 Instrumento de coleta de dados	38
4.1.1 Entrevista estruturada.....	38
4.1.2 Observação participante	39
4.2 Lócus da pesquisa.....	40
4.2.1 Aspectos físicos da instituição	41
4.3 Sujeitos da pesquisa	42
5 DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
REFERÊNCIAS	58
APÊNDICES	60

INTRODUÇÃO

A aprendizagem é um fator determinante na vida do indivíduo, é por meio dela que nos desenvolvemos e nos tornamos sujeitos de nossa própria história. Neste sentido, cada sujeito é um ser único, que possui suas próprias formas de aprendizagem sendo estas diferentes para cada pessoa, já que umas aprendem com mais facilidade e outras apresentam dificuldades em seu aprendizado, pois a absorção e o processamento das informações que chegam a estas pessoas são realizados de forma diferenciada.

Neste sentido, para que possamos aprender é necessário que estejamos envolvidos com o objeto do conhecimento, que haja uma interação entre o conhecimento e o sujeito que deseja obtê-lo. Para tanto, o sujeito necessita estar motivado, ter interesse sobre o tema e focar a sua atenção no que está sendo lhe apresentado, para que o processamento das informações seja realizado. Quando ocorre alguma falha neste processamento dizemos que está ocorrendo alguma dificuldade na aprendizagem, impedindo o indivíduo de aprender e desenvolver-se cognitivamente.

Tanto as dificuldades quanto os distúrbios de aprendizagem podem prejudicar o desempenho escolar das crianças, já que compromete a aquisição das competências da leitura da escrita e do cálculo. Para que estes não resultem em problemas graves na vida dos escolares é necessário que se realize um acompanhamento verdadeiramente eficiente, de forma que o professor possa conhecer a zona de desenvolvimento proximal de cada aluno e com este conhecimento possa desenvolver estratégia que promova a aprendizagem e o desenvolvimento dos mesmos.

Muitas vezes, por falta de paciência e de criatividade tem se desenvolvido nas escolas a cultura da não aprendizagem, acarretando em muitas crianças que saem da escola sem saber ler ou escrever, por falta de uma aprendizagem significativa e relevante para a vida do indivíduo.

Por tomar conhecimento acerca deste “problema”, surgiu a necessidade de se aprofundar a cerca do assunto e buscar a contribuição de Vigotsky para tentar amenizar seus principais efeitos. Neste estudo afloro a curiosidade de saber como as professoras encaram este problema em sala de aula, com isso, surgiu a idéia de se pesquisar sobre as DAs (Dificuldades de Aprendizagem).

Com o aprofundamento dos estudos realizados na referida pesquisa foi elaborado este trabalho, que teve como objetivo geral investigar o conhecimento dos (a) professores(a) a cerca das dificuldades de aprendizagem. Mas especificamente diferenciar as dificuldades dos

distúrbios de aprendizagem, identificar como as dificuldades de aprendizagem ocorrem no processo de ensino e aprendizagem das crianças e também verificar como os (a) professores(a) das séries iniciais procedem diante de um aluno com dificuldade de aprendizagem.

A pesquisa foi desenvolvida tendo como sujeitos cinco professoras que ministram suas aulas nas turmas do 1º, 3º, 4º e 5º ano do ensino fundamental no turno da manhã, e também com a orientadora educacional, ocorreu no período de 14 de fevereiro á 24 de março de 2012, durante o qual foi realizada a observação participante e aplicada a entrevista estruturada.

O trabalho em questão está dividido em cinco capítulos, sendo o primeiro referente à revisão bibliográfica, que traz discursões a cerca do conceito de dificuldade de aprendizagem, dos principais distúrbios apresentadas pelas crianças em sala de aula e também da identificação das crianças com DA. O segundo capítulo discute as diferentes formas de se promover a aprendizagem de crianças deficientes, iniciando com o conceito de comportamentos anormais, para atingir a discussão de que não só crianças com deficiência apresentam estes comportamentos, mas também, qualquer um de nós pode apresentá-los em algum momento de nossa vida.

O terceiro capítulo, por sua vez, traz as concepções de Vigotsky a cerca do desenvolvimento e da aprendizagem e sua teoria da zona de desenvolvimento proximal (ZDP) que muito contribui com o trabalho docente. Já o quarto capítulo diz respeito ao caminho que foi percorrido durante a realização da pesquisa, e traz a metodologia, os métodos e procedimentos utilizados na coleta de dados, bem como uma breve discussão acerca dos sujeitos da pesquisa. Por fim, o quinto capítulo traz as discussões e os resultados adquiridos durante a pesquisa.

Por meio dos estudos realizados se percebeu que este trabalho adquire relevância por trazer discussões sobre um tema que não é muito discutido no ambiente escolar, já que muitos professores colocam a culpa do não aprender, nos próprios alunos, desconsiderando muitas vezes o contexto sociocultural em que a aprendizagem ocorre. Muitas crianças concluem o ensino fundamental sem ter domínio da leitura e do cálculo, apresentando defasagens na aprendizagem, provocadas muitas vezes pelas dificuldades que são em parte desconsideradas pelos professores que relutam em assumir suas próprias deficiências. Neste sentido, iniciaremos o nosso trabalho com uma discussão acerca das dificuldades de aprendizagem, como pode acompanhar a seguir.

1 CONCEITUANDO AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

A aprendizagem é um fator de suma importância para a evolução do indivíduo, pois, à medida que o homem começou a experimentar e a manipular diferentes instrumentos iniciou-se o seu processo de evolução. Vigotsky (2007) afirma que a aprendizagem está interligada ao processo de desenvolvimento, oferecendo condições para que este venha a acontecer. À medida que aprendemos determinados conteúdos escolares, ou a executar determinadas funções, desenvolvemos capacidades cognitivas que nos permite avançar cada vez mais.

A aquisição da linguagem e da escrita são exemplos desta aprendizagem, que permitem ao indivíduo comunicar-se e fixar seus pensamentos e idéias. Segundo Higounet (2003, p.10):

(...) a escrita é apenas um procedimento destinado a fixar a palavra, um meio de expressão permanente, mas também do acesso direto ao mundo das ideias, reproduz bem a linguagem articulada, permite ainda apreender o pensamento e fazê-lo atravessar o espaço e o tempo.

É por meio da linguagem escrita, que se tem acesso ao conhecimento historicamente construído. No entanto, inúmeros fatores podem contribuir ou interferir em nosso aprendizado, provocando as chamadas dificuldades de aprendizagem. No capítulo que se segue, iremos definir o que vem a ser as dificuldades de aprendizagem, diferenciando-as dos distúrbios de aprendizagem ou de escolarização. Abordaremos as dificuldades mais comuns encontradas em alunos que estão inseridos no processo de ensino e aprendizagem escolar, apontando suas principais características e o papel do professor na identificação deste “problema” enfrentado por crianças e jovens, que muitas vezes passa despercebida e servindo de referência para que sejam tachados de preguiçosos, de disperso e desatento em sala de aula. Discutiremos também a importância do educador conhecer seus principais sinais para poder contribuir e facilitar a aprendizagem de seus alunos.

1.1 Dificuldades ou distúrbios de aprendizagem?

Toda a história evolutiva do ser humano está marcada pelas conquistas e aprendizagens experimentadas pelos indivíduos de épocas passadas, e são estas aprendizagens que, nos dias atuais, têm sido o foco dos estudos acadêmicos na área da educação. No entanto, apesar de existir alguns documentos oficiais como a Constituição Federal de 1988, que no

artigo 206 defende: “I – igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; VII – garantia de padrão de qualidade” (BRASIL, 1988, p.242) e também políticas públicas em defesa da educação, sabemos que o descaso ainda é muito grande e que nossos alunos por inúmeros motivos não estão apresentando o aproveitamento esperado nas salas de aula e acabam por concluir o ensino fundamental sem ter domínio do uso social da leitura, da escrita e do cálculo.

É nesta perspectiva, que se compreende que a aprendizagem escolar não é uma aquisição fácil, que acontece de forma igualitária para todas as pessoas que frequentam as escolas, mas, que é um processo que ocorre de forma diferenciada com perdas e ganhos para cada indivíduo. E para que ela ocorra é necessário que haja uma interação entre o objeto do conhecimento e a pessoa que deseja aprender.

Quando este conhecimento é apreendido de forma que se possa fazer relação com outros conhecimentos, e aplicá-lo em alguma atividade, dizemos que houve aprendizagem. Fonseca (2009, p.152) define aprendizagem como sendo: “[...] uma mudança de comportamento provocada pela experiência, entre um momento inicial, em que a tarefa não é dominada, e um momento final onde a tarefa passa a ser dominada e automatizada.” Para que se atinja este momento final, em que a aprendizagem é consumada, “O cérebro necessita de processar o material a ser aprendido” (FONSECA, 2009, p.152). Neste processamento está em jogo o envolvimento das capacidades intelectuais do indivíduo como: a atenção, a concentração, a memória, a assimilação, dentre outras capacidades.

Cada tipo de aprendizagem implica o envolvimento de capacidades distintas, necessárias para o processamento das informações. Facci (2007 p.141) coloca que: “A apropriação do conhecimento, portanto, não se dá a partir de uma adaptação passiva a realidade; ela representa o resultado da atividade do indivíduo com o objetivo de dominar os procedimentos socialmente elaborados.” Assim, cada pessoa tem uma maneira e um ritmo diferente e próprio de aprender, porém, quando este aprendizado não acontece de forma esperada, consideramos que o indivíduo está apresentando dificuldades na aprendizagem.

Durante muito tempo, as dificuldades de aprendizagem (DA) não receberam uma definição coerente, sendo confundidas com outros fatores que interferem no aprendizado de muitas crianças. Até os dias atuais muitos autores ainda atribuem denominações diferentes: alguns as chamam de dificuldades de aprendizagem e outros de distúrbios de aprendizagem.

Fonseca (2009) revela que esta dificuldade encontrada em se atribuir uma definição, que revele o que vem a ser realmente este problema enfrentado por muitas crianças em perfeitas condições de aprendizagem, mas que não conseguem aprender, se deve ao fato dos

pesquisadores levantarem diferentes hipóteses, dentre elas destacamos: a ocorrência em todos os níveis de QI (Quociente Intelectual), o seu envolvimento genético, sendo constatado em várias gerações numa mesma família, seu pré-requisito linguístico e cognitivo, dentre outros. De acordo com NJCLD¹ (1988)

Dificuldade de Aprendizagem (DA) é um termo geral que se refere a um grupo heterogêneo de transtornos que se manifestam por dificuldades significativas na aquisição e uso da escuta, fala leitura, escrita, raciocínio ou habilidades matemáticas. Esses transtornos são intrínsecos ao indivíduo, supondo-se devido à disfunção do sistema nervoso central, e podem ocorrer ao longo do ciclo vital. Podem existir, junto com as dificuldades de aprendizagem, problema nas condutas de auto-regulação, percepção social e interação social, mas não constituem por si próprias, uma dificuldade de aprendizagem. Ainda que as dificuldades de aprendizagem possam ocorrer concomitantemente com outras condições incapacitantes (por exemplo, deficiência sensorial, retardamento mental, transtornos emocionais graves) ou com influências extrínsecas (tais como as diferenças culturais, instrução inapropriada ou insuficiente), não são o resultado dessas condições ou influências. (NJCLD, 1988. In. CARVALHO, 2009 p.01).

O termo dificuldade de aprendizagem é utilizado principalmente com pessoas em perfeitas condições de aprendizado que apresenta um quadro de não aprendizagem, sem apresentar visivelmente ou psicologicamente motivos para que isto ocorra causando preocupações.

Em busca de uma melhor compreensão buscamos em Ferreira (2001) uma definição que nos ajudassem a distinguir distúrbio de dificuldade de aprendizagem. Neste sentido o autor, define distúrbio com sendo uma “perturbação orgânica ou social” (p. 242). Já dificuldade ele coloca como sendo o “caráter de difícil (...) obstáculo, óbice. situação crítica” (p. 236). Fonseca (2009) define as DAs como sendo

Um conjunto heterogêneo de desordens, incapacidades, ou outras expressões de significado similar ou próximo, manifestando dificuldades significativas, e ou específicas no processo de aprendizagem verbal, isto é na aquisição de uma ou mais das seguintes habilidades simbólicas: compreensão auditiva, fala leitura, escrita e cálculo.

Este autor atribui o termo dificuldade de aprendizagem, a uma falha ocorrida no momento em que o cérebro realiza o processamento das informações, acrescentando as características mais comuns referentes à aquisição da leitura, da escrita e do cálculo, os problemas de: orientação espacial, posições e visualização, de atenção, concentração, dentre outros.

Fonseca (2009, p.143 e 144) divide as DAs, em dois tipos: a dificuldade de aprendizagem verbal e a não verbal, baseando-se no hemisfério do cérebro responsável por

¹NJCLD: O National Joint Committee on Learning Disabilities, composto por representantes de oito das mais importantes organizações nacionais dos EUA assim define dificuldade de aprendizagem.

cada atividade. As Dificuldades de Aprendizagem não verbais (DANV) são atribuídas principalmente às dificuldades acadêmicas referentes à aprendizagem matemática, revelando também dificuldade na adaptação e no envolvimento social.

Já, as dificuldades de aprendizagem verbais (DAV), são as dificuldades referentes à leitura e a escrita, demonstrando mais eficiência no uso das informações não verbais do que verbais nas atividades sociais. Sabendo que, qualquer pessoa pode apresentar tanto as dificuldades de aprendizagem verbal quanto a não verbal e até mesmo a combinação dos dois tipos. No entanto, Ciasca (apud MALUF 2006, p.238) considera:

Distúrbio de aprendizagem como uma disfunção do sistema nervoso central, portanto, um problema neurológico relacionado a uma falha na aquisição, no processamento ou, ainda, no armazenamento da informação, envolvendo áreas de circuitos específicos, em determinado momento do desenvolvimento. E considero como uma dificuldade escolar (DE) a criança que não aprende por ter um problema pedagógico, relacionado à falta de adaptação ao método de ensino, à escola, ou que tenha outros problemas de ordem acadêmicos.

Tanto os distúrbios, quanto as dificuldades de aprendizagem, são para o indivíduo como verdadeiros obstáculos, os impedindo de avançar em sua vida acadêmica quando não são detectados e trabalhados convenientemente. No entanto, os DAs, por se tratar de uma falha no processamento das informações, exige do aluno mais empenho na realização das atividades e do professor mediador requer, o desenvolvimento de estratégia que simplifiquem e torne mais significativo os conteúdos trabalhados.

É importante ressaltar, que a dificuldade de aprendizagem não é um problema só do aluno provocado por alguma desordem no seu organismo, mas, pode perfeitamente ser provocado pelo professor, pelo método que ele utiliza e pela organização e estrutura da escola que de alguma maneira bloqueia o aprendizado da criança. Desta forma, estas desordens se manifestam nas diferentes classes sociais, sendo provenientes de vários fatores, sejam eles cognitivos ou socioeconômicos. No entanto, nas classes populares elas são bem mais visíveis, pois, a falta de estímulo, e de acesso à informação acaba prejudicando o desenvolvimento cognitivo e o desempenho escolar de muitas crianças, os impedindo de progredir e desenvolver as suas capacidades. De acordo com Silva (2006, p.1):

Raramente as dificuldades de aprendizagem têm origens apenas cognitivas. Atribuir ao próprio aluno o seu fracasso, considerando que haja algum comprometimento no seu desenvolvimento psicomotor, cognitivo, linguístico ou emocional (conversa muito, é lento, não faz a lição de casa, não tem assimilação, entre outros.), desestruturação familiar, sem considerar, as condições de aprendizagem que a escola oferece a este aluno e os outros fatores intra-escolares que favorecem a não aprendizagem.

Um fator que acaba atrapalhando a aprendizagem dos alunos em idade escolar é a desmotivação dos profissionais da educação, principalmente professores, que muitas vezes, em vez de ajudá-los a superar e a quebrar com todas as barreiras que as cercam, acabam transferindo para seus alunos as suas frustrações e suas dificuldades, os deixando cada vez mais desestimulados, e sem perspectivas de superação.

No entanto, talvez por falta de informação, as dificuldades de aprendizagem ainda são consideradas por algumas pessoas como sendo um sinônimo de uma educação de má qualidade, ocorrendo em um ambiente escolar pobre sem condições de aprendizagem. Mas, isto não é verdade, de acordo com Fonseca (2009, p. 145) elas também “ocorrem num contexto educacional adequado com condições e oportunidades de ensino suficientes, ditas eficiente”. Nestes ambientes, considerados por muitos como perfeitos para a aprendizagem, onde as cobranças dos professores, dos pais e do corpo administrativo da escola são muito grandes, acabam por provocar nas crianças um bloqueio que as impedem de aprender.

Por ter que dar conta de todo o currículo estipulado pela escola e cobrado pelos pais, o professor muitas vezes acaba superlotado com muitas obrigações e esquece o seu principal objetivo que é ensinar aos alunos tomando por base seus conhecimentos e seu nível de desenvolvimento, e desvia o seu foco do aluno, atribuindo aos conteúdos (o currículo escolar) que tanto lhe é cobrado, deixando de lado todas as dicas que as crianças vão demonstrando sobre sua própria aprendizagem. Dicas estas, que podem perfeitamente ser aproveitadas pelo professor e adequadas a sua metodologia de ensino de forma que facilite o aprendizado do aluno.

A relação professor/aluno torna o aluno capaz ou incapaz. Se o professor tratá-lo como incapaz, não será bem sucedido, não permitirá a sua aprendizagem e o seu desenvolvimento. Se o professor mostrar-se despreparado para lidar com o problema apresentado, mais chances terão de transferir suas dificuldades para o aluno. (SILVA 2006, p.2)

Muitos professores esquecem ou não tem tempo de observar seus alunos buscando conhecer o que Vigotsky (2007) chama de Zona de Desenvolvimento Proximal ou Potencial, ou seja, deixam de perceber em seus alunos o que eles já sabem, o que já são ou não capazes de aprender, o que lhes dê interesse ou não, o que lhes chama a atenção, e o que lhes desperta a curiosidade e lhe dar prazer em conhecer e explorar. Deixando de lado um dos fatores muito importante para a aprendizagem escolar, que contribui e auxiliam que é a motivação, desenvolvendo com seu aluno uma relação que não contribui em nada com o seu aprendizado. O aluno gosta de ser percebido, de ter atenção, de ser ajudado, de carinho e confiança, gosta de alguém que levante sua autoestima e que mostre que ele é capaz de aprender, alguém que

confie em suas potencialidades e que não fique a todo o momento apontando as suas falhas, suas dificuldades seus “problemas” sejam eles de aprendizagem ou familiares.

Outro fator, que devemos ficar atentos, é que a dificuldade de aprendizagem não é característica de uma criança com pouca capacidade intelectual, mas que as DAs podem ocorrer em crianças com QI elevado e acima da média. Ela não pode em hipótese alguma, ser confundida com déficit intelectual ou relacionada a problemas neurológicos, mesmo sabendo que pessoas com déficit intelectual ou que tenha algum comprometimento cognitivo geralmente apresentam dificuldade em aprender. No entanto, falamos em dificuldades de aprendizagem ao nos referirmos as crianças que possuem o seu cérebro em perfeitas condições de funcionamento, o que lhe impede de aprender é apenas uma falha no processamento ou no armazenamento das informações. Com um bom acompanhamento estas dificuldades podem futuramente serem minimizadas. Neste aspecto Ciasca (2006, p. 243) afirma que:

Não existe criança que não aprende, ela sempre irá aprender, algumas mais rápidas, outra mais lentamente, mas a aprendizagem, com certeza absoluta, se processará, independentemente da via neurológica usada, associando-se a este composto elemento como: ambiente adequado + estímulo + motivação + organismo, talvez possamos repensar conceitos e procurarmos a chave principal para os Distúrbios de Aprendizagem de (...) nossas crianças.

As dificuldades na aprendizagem não impedem que a criança tenha uma vida normal como outra criança qualquer, isto não implica que ela não é capaz de aprender, pelo contrário, elas são capazes de aprender tudo que lhe for proporcionado, porém, terá mais dificuldade, exigindo mais atenção e tempo para que a aprendizagem aconteça. Neste sentido, devemos as tratar como crianças comuns, que assim como todas as outras, tem suas especificidades, que devem ser avaliadas em sua totalidade, como um ser único em processo de evolução, com características distintas de aprendizagem, procurando conhecer as principais causas das DAs para poder ajudar as crianças a superá-las. Neste sentido, é necessário que se realize uma identificação preventiva nos primeiros anos escolares a cerca da qual iremos tratar a seguir.

1.2 Identificando as dificuldades de aprendizagem

As dificuldades apresentadas pelos alunos em idade escolar, abordadas anteriormente podem ser provocadas por diversos motivos dentre eles destacaremos: ambiente escolar e familiar desfavorável, falha no desenvolvimento de habilidade como atenção, percepção e memória, dificuldade de adaptação, relacionamentos conflituosos tanto na escola quanto em

casa, dentre outros motivos. No entanto, estas dificuldades não impedem que as crianças tenham uma vida normal e um bom desenvolvimento que lhe permita executar qualquer atividade no contexto social e assumir a profissão que escolher para seguir.

É importante ressaltar, que a superação das dificuldades de aprendizagem depende não só da força de vontade da pessoa que as apresenta, mas também, dos profissionais da educação que convivem com estas crianças, bem como, da forma com que estes profissionais abordam o “problema” em sala de aula, do conhecimento que possuem a cerca das DAs, da sua concepção de educação. Se o professor for um profissional comprometido, certamente buscará formas de ajudar seus alunos, caso contrário, se tem a educação apenas como uma forma de ganhar o seu sustento, não estabelecendo compromisso nenhum com eles, pode dificultar ainda mais a aprendizagem das crianças com DA chegando até a taxá-los de burros, preguiçosos, incapazes, desmotivando-os cada vez mais, lhes tirando o prazer de estar na escola e de estudar.

Uma das principais obrigações do professor é avaliar e acompanhar o aprendizado de seus alunos, pois, assim como os pais é ele quem está diariamente em contato com as crianças e este fato lhe torna o principal responsável pela identificação precoce das crianças com DAs. Quanto mais cedo esta identificação for realizada e se iniciar o acompanhamento necessário, melhor e mais rápida será a superação e a minimização dos principais efeitos deste “problema” que tanto prejudica as crianças em processo de aprendizagem. Fonseca (2009, p. 60) diz que:

A identificação precoce das DAs na educação infantil ou mesmo antes constitui, portanto, uma das estratégias profiláticas e preventivas mais importante para a redução e minimização dos seus efeitos , pois neste período crítico de desenvolvimento a plasticidade neuronal é maior, o que quer dizer que uma intervenção compensatória e em tempo útil podem ter consequências muito positivas nas aprendizagens posteriores.

Desta forma, para que o professor possa realizar este trabalho de acompanhamento é necessário que lhe seja oferecido condições favoráveis, que lhe seja disponibilizada capacitação para permitir conhecer o que vem a ser as dificuldades de aprendizagem, suas principais causas e características, proporcionando a realização de um melhor trabalho.

No entanto, o professor não deve assumir o problema de seus alunos sozinho, pois, apesar de ser a referência para muitas crianças ele não é um super-herói, ele deve dividir com toda equipe técnica da escola inclusive os pais, e mostrar-lhes as dificuldades que seus alunos estão enfrentando e pedir-lhes ajuda para que possam oferecer suporte que auxilie o seu trabalho, desenvolver atividades e oferecer um acompanhamento individualizado para estas

crianças. O professor jamais deve dizer que seu aluno é disléxico, que possui disgrafia, discalculia. A tarefa do professor é apenas perceber as dificuldades dos alunos, e comunicar a equipe da escola, o diagnóstico só pode ser concebido por um profissional especializado.

Os pais também possuem um importante papel na identificação precoce dos alunos com DAs pois, estão diariamente em contato com seus filhos e podem acompanhar o seu desempenho e desenvolvimento nas atividades extra escolares. Se estiverem verdadeiramente envolvidos com a educação de seus filhos em constante interação com a escola, podem auxiliar o trabalho do professor, ajudando-o a acompanhar o desenvolvimento de seus filhos.

A identificação precoce das DAs é muito importante para a vida acadêmica da criança, quanto mais cedo está receber o acompanhamento e se este for realizado com compromisso e responsabilidade, mais fácil será a superação da dificuldade e a aprendizagem acontecerá sem grandes prejuízos para a criança que pode não ficar atrasada em sua vida escolar.

Inúmeros sinais podem demonstrar ao professor que seu aluno está com dificuldade na aquisição da leitura, da escrita e do cálculo. Fonseca (2009) elenca vários sinais percebidos desde a pré-escola, até ao final do terceiro ciclo ou 5º ano do ensino fundamental considerado importante na identificação de alunos com DA dentre eles destacam-se: o esquecimento, a falta de atenção, dificuldade em se expressar, frequência escolar baixa, dificuldade em reconhecer letras do alfabeto, dificuldades em atividades básicas de atenção, concentração, memória, e imitação, além de apresentar resistência em realizar as tarefas, dentre outros sinais. Neste sentido Drouet (2006, p. 28) afirma que:

O professor de primeiro grau não tem a formação necessária para diagnosticar graves dificuldades de aprendizagem. Através da observação, ele poderá detectar diferenças ou falhas nos desempenhos de seus alunos. Por exemplo, observando cuidadosamente: Se um aluno tem dificuldade de movimentos ao executar tarefas que os outros realizam com facilidade; Se tiver problema de fala; Se não consegue ler de certa distancia as palavras escritas no quadro de giz; Se não entende bem o ditado; Se for super excitado ou então muito quieto, desanimado, distraído; Se não consegue aprender a ler e a escrever ate o final do ano letivo etc.

Em suma, quanto mais cedo se identificar na criança os sinais das Dificuldades de Aprendizagem e iniciar o acompanhamento, melhor será o resultado ao longo do processo de escolarização. Todas as salas de aula possuem alunos que apresentam dificuldade em aprender, ou até distúrbios de aprendizagem, cabe a nós professores ficarmos atentos ao desenvolvimento destas crianças na realização das diferentes atividades. Ao se identificar a criança com DA é de fundamental importância que o professor não assuma o problema sozinho, mas que comunique a equipe técnica da escola para que o ajude a promover a aprendizagem ou se for necessário, encaminhar a criança para um especialista.

Assim como afirma Fonseca (2009, p.166) “A avaliação no âmbito da DA terá de ser de índole multe e transdisciplinar envolvendo em termos ideais, no mínimo, as componentes médica, psicológica e pedagógica exercidas por profissionais especializados.” É importante salientar que cabe ao professor apenas identificar as crianças que estão apresentando dificuldade em aprender, e o diagnóstico do problema enfrentado por esta só pode ser atribuído por uma pessoa especializada que tenha conhecimento do caso, e que leve em consideração a avaliação de toda a equipe de profissionais, cabendo a estes realizarem o acompanhamento necessário e o desenvolvimento de atividades que tenha em vista ajudar na superação das DAs. No entanto, os distúrbios de aprendizagem também são problemas encontrados no ambiente escolar atrapalhando o desempenho dos alunos, os quais serão abordados a seguir.

1.3 Principais distúrbios de aprendizagem

Após ter definido e apresentado como identificar as dificuldades de aprendizagem ou de escolarização, destacaremos os principais distúrbios e suas características. Com relação à dislexia, vale lembrar, que esta é um distúrbio de aprendizagem caracterizado segundo Fonseca (2009) como verbal, e refere-se a “falha no processamento da habilidade da leitura e da escrita, durante o desenvolvimento. A dislexia se apresenta como um atraso do desenvolvimento ou a diminuição em traduzir sons em símbolos gráficos e compreender qualquer matéria escrita” (CIASCA apud MALUF, 2006, p. 239). Desta forma, a dislexia é uma dificuldade na aquisição da leitura, uma dificuldade que a criança enfrenta ao relacionar os sons aos grafemas que o representa. Ciasca (2003, p.58) defende que, para ler é necessário:

- Ter atenção dirigida às marcas impressas e controlar o movimento de olho para a página,
- Reconhecer os sons associados com as letras,
- Entender as palavras e a gramática,
- Construir ideias e imagens,
- Comparar ideias novas com as que você já tem,
- Armazenar ideias na memória.

Quando há algum problema que impossibilita o cérebro de realizar alguma destas atividades, ocorre o comprometimento da aquisição da leitura. Pois, para que a aprendizagem da leitura se configure o cérebro precisa realizar todos estes processos. Para algumas pessoas aprender a ler é coisa fácil, basta cobrir as letras várias vezes e repetir as famílias em voz alta que a pessoa vai aprender o significado de cada uma. Isto não é verdade, o ato de ler requer

uma atividade mental bastante complexa, pois ela envolve várias funções cerebrais, que depende do envolvimento do indivíduo, de seu contato com o mundo letrado. Com a influência destes fatores algumas pessoas adquirem a leitura com mais ou menos facilidade que as outras. A dislexia pode apresentar para o indivíduo várias consequências. Assim:

[...] Se o cérebro está impossibilitado de formar imagem ou relacionar ideias novas aquelas já armazenado na memória, o leitor pode não entender ou não se lembrar de novos conceitos. Outro tipo de dificuldade na leitura pode aparecer nos graus superiores, quando se enfoca a troca de letras no leitor de palavras, além da identificação e compreensão delas. (CIASCA, 2003, p.58)

Desta forma, quando acontece algo que dificulta ao indivíduo separar ou identificar os sons nas palavras e compreender o que está pronunciando, ocorre a dislexia. Ciasca (2003) divide a dislexia em três tipos: a dislexia disfônica ou fonológica; a dislexia diseidética e a dislexia mista. A primeira é “caracterizada por uma disfunção na leitura oral de palavras pouco familiar. A dificuldade acontece na convenção letra – som.” (p.59) É, portanto, uma dificuldade em pronunciar o som das palavras poucos usuais que não está cotidianamente no vocabulário do indivíduo, nestes casos a criança compreende a palavra, mas não consegue expô-la oralmente.

Já a segunda “é uma dificuldade na leitura caracterizada por um problema de ordem visual, ou seja, o processo visual é deficiente.” (p.59) E por último, temos a dislexia mista, como o próprio nome já diz, é uma combinação dos dois tipos citadas anteriormente. Envolvendo uma combinação da dificuldade na convenção da letra ao som de palavras conhecidas e não conhecidas, com problemas visuais que prejudica ainda mais este processo tão complexo que em pessoas videntes depende da visão para acontecer. Segundo Facci (2007, p.150)

A aquisição da escrita permite que o ser humano modifique suas funções psicológicas e a alfabetização permite que o aluno tenha acesso, de maneira independente, a produção científica elaborada pelos homens. Com isso consegue aumentar sua capacidade de formar novos conceitos, melhorar a linguagem verbal e a comunicação com os outros homens e, conseqüentemente, amplia sua concepção de mundo, ao apropriar-se dos conhecimentos científicos, tendo mais condições de criar novos conhecimentos.

Neste sentido, a dislexia, é um dos distúrbios mais comuns encontradas em crianças em processo de alfabetização, restringe o desenvolvimento de nossos alunos, porque à medida que não consegue dominar a escrita acaba deixando de adquirir muitos conhecimentos que lhe ajudaria em sua vida prática e contribuiria com a aquisição de outros conhecimentos. Assim, as crianças que não conseguem aprender são a cada dia mais prejudicadas, em comparação a outras que aos seis ou sete anos adquirem a leitura. No entanto, nunca é tarde para se

aprender, com mais ou menos facilidade, se receber o acompanhamento adequado. Através de muita leitura de textos variados as crianças progressivamente vão conseguindo amenizar os efeitos da dislexia e conseguirão aprender. Porém, alguns de seus efeitos ainda irão ser percebidos na vida adulta.

Ao realizar estudo a cerca da disgrafia recordamos de professores que tentando incentivar a escrita, em momentos que nos encontramos desestimulados, nos fala que: “aprendemos a escrever escrevendo e a ler lendo”. Nesta fala percebemos um fio de verdade, pois é notória a existência de pessoas, que apresenta alteração da pronuncia de algumas palavras, e no momento da escrita representa-as da forma que pronunciam, não seguindo as regras da gramática. Ciasca (2003, p. 60) afirma que:

Segundo o DSM-IV (1995) o transtorno da expressão escrita consiste de habilidade de escrita abaixo do nível esperado para idade cronológica, inteligência e escolaridade. Este transtorno pode ou não está associado a um transtorno de leitura e geralmente compromete a ortografia ou caligrafia.

A disgrafia é percebida na criança, por ela não conseguir representar de forma gráfica as palavras, que de acordo com seu nível maturacional e sua idade cronológica já deveria estar conseguindo representar. Ciasca (2003, p. 60) então coloca que:

Na literatura especializada, a terminologia mais comumente utilizada para os transtornos da expressão escrita é a disgrafia que geralmente designa alterações quanto à caligrafia, à capacidade de realizar cópia ou capacidade para realizar sequência de letras em palavras comuns.

Neste sentido, a disgrafia não é apenas uma dificuldade em escrever as palavras de forma ortograficamente correta, mas também, a pessoa dislexa tem problema em copiar qualquer texto seguindo uma sequência correta, além de copiar as palavras alterando a sequência das letras, não só em palavras desconhecidas, mas em palavras usuais.

Com relação à Discalculia, este não é um distúrbio que apenas provoca dificuldade em reconhecer os algarismos ou em resolver as operações fundamentais como: adição, subtração e divisão, mas sim, como diz Ciasca (2003) é a dificuldade em aplicar estas operações em atividades realizadas no contexto social, desta forma:

[...] a dificuldade específica com a matemática (Discalculia) dificilmente ocorre separada dos transtornos da aprendizagem, por isso sua prevalência é difícil de estabelecer, porém é necessário à realização de avaliação específica das habilidades matemáticas para verificarmos a existência ou não de comprometimento de linguagem que acarreta dificuldade para a realização de procedimentos matemáticos, principalmente na existência de enunciados que exija leitura e compreensões para esta resolução. (p. 63)

Para aprendermos matemática dependemos de diferentes habilidades, principalmente da leitura e da escrita, pois, em uma operação matemática o cérebro executa diferentes processamentos e para que estes possam ocorrer o indivíduo necessita destas habilidades. Por estes motivos, a Discalculia é comumente confundida com outras dificuldades, pela sua interligação e dependência em outras habilidades, confunde-se, assim, o diagnóstico dos especialistas. Pois, uma criança que tem dislexia, ou seja, dificuldade na leitura e na interpretação de textos, provavelmente terá dificuldade em realizar uma sequência de raciocínio em uma operação matemática que se apresente de forma contextualizada, no entanto esta criança pode perfeitamente ser boa em resolver problemas matemáticos de cabeça sem escrever o processo que seguiu até atingir o resultado esperado.

Enfim, assim como afirma Silva (2006, p.02) “Cada pessoa é uma. Uma vida é uma história de vida. É preciso saber o aluno que se tem como ele aprende”. Conhecer os seus gostos o seu jeito, o seu ritmo e algumas peculiaridades intra e extraescolar que podem afetar a aprendizagem do aluno e contribuir com o surgimento e o agravamento das dificuldades de aprendizagens.

Sabe-se que é por meio da educação que temos acesso ao conhecimento, e só ela nos permite alcançar uma melhor posição social, e uma vida digna. Neste sentido, não deve ser negado a nenhum indivíduo o conhecimento que lhe é assegurado por lei, conhecimento este, transmitido através dos conteúdos escolares que deve ser de boa qualidade tanto para as classes populares quanto para a classe média, tendo por responsabilidade desta transmissão um profissional capacitado e bem informado, que conheça os processos de aprendizagem, bem como os principais problemas que possam vir a ser apresentados pelas crianças durante a aquisição da leitura da escrita e do cálculo. Pois, as dificuldades escolares podem ocorrer com qualquer criança, entretanto, aquelas que apresentam alguma deficiência física ou mental são mais vulneráveis a estas dificuldades. Desta forma, o próximo capítulo discutirá aspectos psicopedagógicos da aprendizagem das pessoas com deficiência, considerando que qualquer pessoa independente de ter deficiência ou não pode apresentar comportamento considerado anormal.

2 A APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA

Para discutir sobre a aprendizagem de crianças com alguma deficiência é necessário remeter ao conceito de anormal. Tal conceito é discutido por Vigotski no seu artigo sobre o comportamento anormal, o qual serviu de base para que se construísse uma definição de comportamento anormal e para que se conheça um pouco as diferentes formas de se promover a aprendizagem em crianças deficientes considerando as suas especificidades. Além de estabelecer condições para que se reflita a cerca dos comportamentos anormais apresentados pelas pessoas em sua vida cotidiana, como pode ser acompanhado a seguir.

2.1 O conceito de comportamento anormal

O conceito de anormal é de difícil definição e não existe uma limitação exata entre as formas normais e anormais de comportamento. Um está de certa forma unido ao outro já que não há uma barreira que define onde termina o considerado normal e começa o anormal. Vigotsky (2001, p.379) afirma que:

Formas de comportamentos anormais também podem ser encontradas em pessoas normais, representando um comportamento provisório e passageiro, mas podem ser encontrados também, em pessoas como formas mais duradoura inclusive constante do seu comportamento.

Neste sentido, percebe-se que todos nós em algum momento de nossa vida já apresentamos ou podemos apresentar alguns tipos de comportamentos anormais, pois estes não são únicos e exclusivos de pessoas que apresentam alguma doença mental ou deficiência, como por muito tempo foi pensado. É mínima a fronteira que divide o comportamento normal do anormal, da mesma forma que é frágil e mutável o nosso estado de lucidez e consciência. Estes dois comportamentos não são algo totalmente diferente um do outro, pelo contrário eles chegam a se confundir.

Nem um de nós é totalmente lúcido, todos temos nossa parcela de anormalidade em nosso comportamento já que ele é instável e pode variar de acordo com a circunstância que nos encontramos. Porém, existem pessoas que tem uma tendência maior em apresentar alterações em seu comportamento.

No indivíduo, o comportamento anormal se apresenta em diferentes níveis, variando de uma forma mais breve que acontece por acaso em algum momento da vida, até uma forma mais duradoura, que se estende por toda vida. Esta última é apresentada em pessoas

deficientes físicas, auditiva, visual ou que tenha outro tipo de deficiência. Ambos os níveis acabam modificando ou dificultando a forma de aprendizagem de cada pessoa. Em seguida, nos debruçaremos um pouco mais a cerca dos níveis de comportamentos anormais, focando principalmente nas estratégias de aprendizagem.

2.2 A aprendizagem da criança com deficiência

Muito dos tipos de deficiência pode ter origem genética. Quando o ser humano já nasce com ela (inata), ou pode ser adquirida através da intervenção de diferentes fatores que altera o estado normal do organismo. Elas se apresentam ou na ausência de algum órgão ou no seu mau funcionamento, alterando o desempenho físico do indivíduo, e de certa forma, o impossibilitando de ter uma vida social ativa e independente, modificando sua forma de aprender e de agir sobre o objeto do conhecimento. Segundo Vigotsky (2001, p. 380):

Do comportamento da criança dissemina-se todo um grupo de reações ligadas a este órgão e a normalidade do comportamento da criança manifesta-se em que, ao procurar compensar a sua falha e preencheram formas insuficientes de comportamento, o organismo atribui novas funções a outros órgãos e organiza o comportamento de modo diferente daquele verificado nas outras pessoas.

Nesta perspectiva, para que uma pessoa deficiente possa realizar as atividades que as pessoas sem deficiências realizam, o organismo cria mecanismos de compensação, ele próprio atribui a outro órgão a função daquele que está faltando, em caso das deficiências físicas. Aquele que não funciona como deveria, em caso dos deficientes auditivos e visuais. Porém, mesmo com outro órgão realizando estas funções, elas não serão tão bem executadas como é pelo órgão biologicamente responsável.

Ao referir-se a perspectiva educacional, é notório que o professor deve possibilitar ao aluno, seja ele deficiente ou não, a realização de atividades que o torne um sujeito socialmente ativo e participativo, de forma a favorecer a sua auto-estima, buscando retirar de si a visão de coitadinho, de inválido e de incapaz. Visando atingir a este objetivo, ele pode utilizar-se de estratégias que possa ser adaptadas a cada especificidade do aluno, efetivando os métodos de compensação.

Estes métodos de compensação são apresentados como uma forma de reparar uma falta ou uma dificuldade, utilizando-se de estratégias que venha a possibilitar a realização de atividades anteriormente não desenvolvidas. Segundo Vigotsky (2001, p.281). “O milagre da educação social consiste em que ela ensina o deficiente a trabalhar, o mudo a falar e o cego a ler.” Desta forma, a educação social os ajudam a realizar atividades que os auxiliam na sua

vida cotidiana, deixando de se sentir um peso na vida de outras pessoas e tornando-se sujeito de sua própria história.

As pessoas com deficiência física, na parte pedagógica, não receberão nenhum atendimento diferenciado, elas terão acesso aos mesmos estímulos que as pessoas sem deficiências já que, a falta de seus membros não altera os seus órgãos receptores, não os impedindo de se comunicar e trocar informações com outras pessoas, a menos que esta pessoa tenha nascido ou desenvolvido algum problema neurológico ou psicológico, caso contrário, as mesmas metodologias que são utilizadas com pessoas sem nenhum comprometimento biológico, podem perfeitamente ser adaptadas para as pessoas com deficiências físicas.

Mais complexos que o comportamento, é a forma de aprendizagem das pessoas com comprometimento físico, cegas ou surdas, que tem os seus órgãos receptores comprometidos, dificultando sua interação com as outras pessoas e seu acesso ao conhecimento.

Com relação aos deficientes visuais, por falta do funcionamento normal dos olhos, eles se utilizam do tato e do próprio corpo para fazer o reconhecimento do espaço ao seu redor, e dos objetos de conhecimento. Por muito tempo esta deficiência foi colocada como um castigo divino e as pessoas cegas foram excluídos do convívio social, a maioria vivia trancada em porões sem contato com outras pessoas. Ao se pensar em uma educação para esse público, buscaram-se formas que as adaptasse a sua deficiência sem perspectiva de superação de sua condição de dependente.

Com o passar do tempo, foram desenvolvidas estratégias que as incluíssem no convívio social. Braile (VIGOTSKY, 2001) partindo do interesse de pessoas que desejavam aprender, e de seu próprio interesse, desenvolveu um método de leitura e escrita manual composto por combinações de pontos que representam cada caractere da língua falada, buscando facilitar o acesso dos cegos ao conhecimento e a língua escrita. Antes deste método, surgiram outros, que não tiveram um bom resultado quanto este, que é utilizado mundialmente até hoje.

Apesar de ser considerado, o método de escrita mais eficaz para as pessoas cegas, o Braile também tem suas limitações. São poucas as pessoas videntes que o domina, já que ele exige uma percepção tátil mais aguçada para a identificação das combinações. Este determinante reduz a utilização do Braile a um grupo que tem contato direto com os deficientes visuais. No entanto, esta realidade vem sendo modificada, com a exigência da inclusão das pessoas cegas nas escolas regulares, está sendo despertado em alguns professores o interesse em querer aprender esta nova forma de escrita.

A percepção tátil de uma pessoa cega é igual á de uma pessoa vidente, o que vai lhe distinguir são as experiências acumuladas, que facilita a identificação das combinações de pontilhados que formam a escrita braile, da mesma forma, uma pessoa vidente também pode aprender as combinações do braile, e com mais facilidades por ter o auxílio da visão que o cego não tem. Porém Vigotsky (2001, p.384) coloca que:

Embora o alfabeto braile seja o mais econômico e adequado do ponto de vista psicológico, não podemos reconhecê-los como adequado uma vez que essa escrita separa os cegos da massa geral das pessoas [...] e necessário exigir uma redução possível do ensino especial para os cegos e introduzi-los mais cedo possível nas escolas comuns secundárias e superiores.

Ao se falar na intervenção pedagógica para crianças com deficiências auditivas, percebe-se que esta se configura como sendo a mais complexa, por se referir a uma deficiência, em que está comprometida sua capacidade de se comunicar e de trocar informações com outras pessoas, a surdez impede a criança de ter acesso ao mundo das palavras e lhe coloca diante de um mundo visual, no qual acontecem coisas que para ela é sem sentido e sem explicação.

Considerando que é através da linguagem que representamos nossos pensamentos sentimentos e emoções, percebe-se que a instrução do surdo não é simples, pois exigirá que seja desenvolvida a consciência de que a fala é uma forma de transmitir informação. Segundo Vigotsky (2001) para educar o surdo “não basta substituir estímulos auditivos por visual é necessário restaurar o mecanismo da reação circular que foi perturbada” (p.387) de forma que ele se torne consciente de sua própria fala, para assim poder elaborar o seu pensamento e reproduzir através da sua língua.

Para facilitar a comunicação deste grupo social, foi desenvolvida a Língua Brasileira de Sinais: LIBRAS, uma língua visual, que se utiliza das mãos na realização de gestos que representam os pensamentos daqueles que não podem oralizar. A criação desta língua incluiu o surdo no convívio social, pois através dela podem interagir com outras pessoas, e compreender o mundo visual ao seu redor. A inclusão destes em escolas regulares é bem complexa, pois, demandará a participação de uma pessoa que tenha domínio de LIBRAS, na sala de aula para poder traduzir a fala dos professores.

O único lado positivo na inclusão de pessoas surdas nas escolas regulares é que, esta inclusão proporcionará a sua interação com pessoas ouvintes, ajudando-as a conviver com o diferente, mostrando-lhes que apesar de nossas diferenças somos todos iguais e temos muito a ensinar uns aos outros.

2.3 Deficiência mental (psicopatia)

As deficiências mentais são em sua maioria, provocadas por alguma falha no cérebro atingindo o sistema nervoso, que não funciona como deveria, ocasionando o comprometimento do desenvolvimento cognitivo, impossibilitando o indivíduo de realizar as atividades com rapidez e eficiência. A educação destas crianças é baseada em ensiná-lhes atividades simples do dia a dia e da socialização com outras crianças, proporcionando-lhes interagir com crianças que tenha ou não comprometimento cognitivo, para que se sinta integrante de um meio social.

As estratégias pedagógicas utilizadas com estas serão as mesmas utilizadas com crianças normais, porém deve acompanhar o seu ritmo de desenvolvimento, que se apresenta de forma mais lenta. Isto não implica dizer, que as crianças deficientes mentais não são capazes de aprender os mesmos conteúdos, e desenvolver as mesmas atividades que as crianças que não tem nenhum comprometimento cognitivo desenvolvem. Pois, elas têm as mesmas capacidades de aprendizagem, apenas necessitam de cuidados educacionais especiais para se desenvolver cognitivamente. Neste sentido a metodologia utilizada com estas crianças, deverá levar em consideração o seu nível desenvolvimento cognitivo, sendo apresentado de forma mais lenta, e mais detalhada.

No processo educacional destas crianças, deve-se levar em consideração o seu nível de atraso mental. Se ele se apresentar de uma forma mais branda a criança deverá ser inserida em um contexto social, em uma escola regular, que favorecerá o desenvolvimento das diferentes habilidades e que os possibilita desenvolver em atividades sociais, favorecendo sua autoestima. Porém, se este nível de atraso mental for muito elevado, o professor provavelmente (devido as suas condições ambientais e a disponibilidade de materiais que a escola oferece) não conseguirá realizar uma intervenção adequada. Nestes casos estas crianças deverão ser encaminhadas as escolas especializadas, que certamente saberão como proceder diante destas crianças, de forma a contribuir com o seu desenvolvimento cognitivo. Vigotsky (2001, p389) diz que a escola especializada:

[...] deve ser a escola simplificada de um meio social, ou seja, uma escola que não esmague a mente débil da criança com o volume e a complexidade das relações mais lhe dê a possibilidade de estabelecer os necessários vínculos condicionados com lentidão e tranquilidade.

Neste sentido, esta escola não deve ser uma escola que ensina coisas sem sentido, fúteis e sem conexão. Mas sim, uma escola, que busque ensinar as crianças apenas conteúdos

que terão alguma utilidade e que contribua com a melhoria de suas vivências sociais, se apresentando de forma relevantes, para a vida destas pessoas.

Com relação à educação das crianças cujo comportamento as caracteriza como sendo histérica, epiléptica, nervosa e etc. Vigotsky (2001) coloca que, os processos educativos devem estar interligados com o tratamento psicológico. E as crianças que apresentam estes comportamentos necessitam de silêncio e calma, para que se sintam em condições de aprendizagem. Neste sentido, o ambiente educacional deve atender a estas exigências educacionais e adaptar-se para suprir as necessidades destas crianças.

Já a psiconeurose é uma doença mental caracterizada por Vigotsky (2001) como sendo transitória e passageira, que surge do conflito do indivíduo com o meio ou do indivíduo com seu próprio eu. “A educação desse conflito exige naturalmente a erradicação das causas que o geraram e então a cura da psiconeurose se reduz a sua reeducação” (p.391). Esta reeducação é baseada no estabelecimento de uma nova interação do indivíduo com o seu meio, possibilitando-o vivenciar novas experiências sociais. Estas vivências serão permitidas pela educação social, que permitirá a criança expor suas energias ocultas de forma útil e aceitável socialmente.

2.4 Os comportamentos anormais da vida cotidiana

Não se pode considerar como comportamentos anormais, apenas as formas mais graves deste tipo de expressão humana. Pois existem outras, que são mais comuns no indivíduo em perfeitas condições físicas e cognitivas, porém, não tão constante como as formas mais graves. Estas formas comuns podem se manifestar em qualquer pessoa e em qualquer momento de sua vida cotidiana, se apresentando como uma pequena perda, uma falha, um lapso de memória, dentre outras formas.

Estes lapsos, e estas pequenas perdas e falhas de memória são formas mais simples de comportamentos anormais, provocadas pelo nosso inconsciente, que não atrapalham a vida cotidiana, e nem as suas atividades sociais, apenas lhe provoca um desconforto se estes manifestarem-se em um momento de exposição pública. Com relação à educação, estes não causam um grande comprometimento, pois, as condições psicológicas não estão comprometidas, apenas está ocorrendo alguma alteração em seu inconsciente.

Em suma, todas essas discursões a cerca das formas de comportamento anormal, sejam elas as mais graves ou as mais comuns, foram para mostrar o quanto os professores estão errados, ao referir que seus alunos não aprendem porque são “burros, incapazes, hiperativos,

não prestam atenção, ou porque tem algum problema” e não tem capacidade para aprender. Pois, as crianças que apresentam os mais diferentes tipos de comportamento, que alteram as suas formas de interagir e de se comunicar, discutidas anteriormente, são capazes de aprender através da intervenção do professor e da adaptação dos métodos de ensino as mais variadas formas de aprendizagem que os alunos possam apresentar.

Portanto, apesar das dificuldades apresentadas pelos alunos, o professor precisa estar preparado para realizar as intervenções necessárias, visando à promoção da aprendizagem e a inclusão do indivíduo no convívio social, tornando-o participativo no seu meio social. O educador ao se deparar com os sujeitos multifacetários e as suas especificidades, deve sempre buscar estratégias que o auxiliem nesta difícil tarefa de educar e ensinar, fazendo tudo o que tiver ao seu alcance para que o seu aluno aprenda, e se desenvolva naturalmente. Taxar seu aluno como incapaz não o ajudará a se desenvolver, pelo contrário, irá cada vez mais o bloquear e desestimular.

Cada aluno deve ser considerado como um ser único, e com maneiras próprias de desenvolvimento, considerado em sua totalidade, não só suas condições biológicas e cognitivas, mas também, o seu contexto social que interferirá no seu aprendizado seja de forma positiva ou negativa. É notório, que toda pessoa é capaz de aprender, mas cada uma de uma maneira particular que as diferenciam umas das outras. E nesse processo, o convívio com pessoas em diferentes níveis de aprendizagem, e a inclusão em escolas regulares ao se tratar dos deficientes, irá contribuir com desenvolvimento intelectual destas pessoas e com a sua autoestima. Tendo descrito e sistematizado a compreensão do conceito de comportamento “anormal”, mas especificamente, o tratamento oferecido pelas escolas às crianças deficientes, o próximo capítulo, analisará a relação que existe entre desenvolvimento e aprendizagem, levando em consideração como se dá este processo no ambiente escolar.

3 O DESENVOLVIMENTO E A APRENDIZAGEM

Neste capítulo será explorado um dos principais temas abordados por Vigotsky (2007); a relação que existe entre o desenvolvimento e a aprendizagem. Para tanto iniciaremos com uma discussão a cerca das três posições teóricas que ele aborda para justificar a sua principal teoria sobre a relação que existe entre desenvolvimento e aprendizagem escolar, a zona de desenvolvimento proximal (ZDP). Princípio desenvolvido para explicar como se dá o processo de aquisição da aprendizagem sistematizada oferecida pelas escolas.

Com base nesta teoria, Vigotsky (2007) coloca que o professor pode oferecer uma intervenção adequada as crianças que estejam em processo de desenvolvimento cognitivo, visando assim à melhoria do ensino e uma melhor aprendizagem por parte dos alunos, tirando o foco do ensino do que o aluno já sabe realizar para atribuir ao que ele poderá fazer futuramente.

3.1 Posições teóricas acerca do desenvolvimento e da aprendizagem

Antes de expor o seu ponto de vista sobre a relação entre desenvolvimento e aprendizagem, Vigotsky (2007), buscou subsídios nas teorias já existentes para justificar o seu posicionamento. Neste sentido, ele organizou as teorias vigentes em três blocos teóricos, de acordo com as semelhanças existentes entre os pensamentos de cada autor.

A primeira posição teórica é defendida por Piaget, Binet, e outros. Eles colocam o desenvolvimento cognitivo do individuo, como aspecto principal no seu processo maturacional e evolutivo. De forma que, sem a maturação cognitiva o indivíduo não tem capacidade de aprender. Pois, a aprendizagem não interfere no processo de desenvolvimento cognitivo, e nem no desenvolvimento das capacidades psicológicas superiores. Vigotsky (2007, p.88) afirma que estes autores,

[...] admitem que o desenvolvimento seja sempre um pré-requisito para a aprendizagem e que se as funções mentais de uma criança (cooperação intelectuais) não amadurecerem a ponto de ela ser capaz de aprender um assunto particular, então nenhuma instrução se mostrará útil.

Esta corrente de pensamento defende que sem desenvolvimento não há aprendizagem e que a aprendizagem nem interfere e nem auxilia o processo de desenvolvimento, pelo

contrário, as capacidades cognitivas se desenvolvem sozinhas, e a criança só estará apta para aprender se estas capacidades já se encontrarem devidamente desenvolvidas.

A aprendizagem é vista como o produto e não como integrante do processo de desenvolvimento, de forma que não altera e nem contribui com o processo de desenvolvimento, que nesta perspectiva evolui independentemente de está havendo aprendizagem ou não, pois, o desenvolvimento é quem vai impulsionar a aprendizagem do indivíduo.

Desta forma, os adeptos desta teoria afirmam que a maturação está em primeiro lugar no processo de desenvolvimento, para eles é a maturação que vai fazer com que o aluno esteja apto para processar determinada informação a qual ele tem acesso. E se ele não estiver com suas capacidades cognitivas desenvolvidas, mesmo que o mediador explique um determinado assunto ou conteúdo ele não acompanhará, pois este conteúdo não coincidirá com o seu estado maturacional.

Já a segunda posição teórica representada principalmente por James (apud VIGOTSKY 2007), defende que a aprendizagem e o desenvolvimento são duas coisas inseparáveis, um depende do outro e ambos estão interligados. “O desenvolvimento é visto como o domínio dos reflexos condicionais, não importando se o que se considera é o ler, o escrever ou a aritmética. Isto é, o processo de aprendizado está completa e inseparavelmente misturado com o processo de desenvolvimento.” (p.89). Desta forma, o desenvolvimento da aprendizagem é condição para o desenvolvimento das capacidades intelectuais do indivíduo, uma criança só consegue aprender a partir do seu desenvolvimento, ao se desenvolver aprende coisas novas.

De acordo com esta teoria, aprendizagem é desenvolvimento, e desenvolvimento é aprendizagem. Ou seja, quando a criança aprende, ela está contribuindo com a construção de novas estruturas, e conseqüentemente ao desenvolver-se o aprendizado está acontecendo, diferentemente da teoria acima exposta, que enfoca o desenvolvimento como pré-requisito para que haja aprendizagem.

Assim, não há aprendizagem sem desenvolvimento e nem desenvolvimento sem aprendizagem, pois ambos se completam como duas formas simétricas, um não avança sem o outro e conseqüentemente o inverso.

Com relação ao terceiro grupo de teorias, está baseada na combinação das duas anteriormente citadas, unindo concepções que aparentemente são diferentes. No entanto Vigotsky (2007) aponta três aspectos que para ele são exclusivos nesta teoria:

O primeiro como já assinala e a combinação de dois pontos de vista aparentemente opostos, cada um do qual tem sido encontrado separadamente na história da ciência. A verdade é que, se esses dois pontos de vista podem ser combinados em uma teoria, é sinal de que eles não são opostos e nem mutuamente excludentes, mas tem algo de essencial em comum. Também é nova a idéia de que os dois processos que constituem desenvolvimento são interagentes e mutuamente dependentes [...]. O terceiro e mais importante aspecto novo desta teoria é o amplo papel que ela atribui ao aprendizado no desenvolvimento da criança. (Idem, p.90-1)

Dentre as três posições teóricas esta é para Vigotsky (2007) a mais interessante, pois começa a atribuir importância à aprendizagem no processo de desenvolvimento humano, demonstrando que ela tem um papel fundamental no curso do desenvolvimento dos processos cognitivos. Desta forma, a aprendizagem adquirida com a maturação cognitiva impulsiona cada vez mais o processo de desenvolvimento das capacidades psicológicas superiores do sujeito.

À medida que a criança aprende, este aprendizado contribuirá com a construção de novas capacidades, que permitirá que ela resolva ou execute atividades que ainda não conseguia realizar sem o aprendizado recentemente adquirido. Segundo esta corrente para que haja aprendizagem é necessário certo nível de desenvolvimento cognitivo. Os estudos de Thorndike (VIGOTSKY, 2007 p.92-3) revelam que:

O aprendizado é mais do que a aquisição de capacidades para pensar, é a aquisição de muitas capacidades especializadas para pensar sobre várias coisas. O aprendizado não altera a nossa capacidade global de focalizar a atenção, em vez disso, no entanto, desenvolve várias capacidades de focalizar a atenção sobre várias coisas.

Neste sentido, o desenvolvimento de uma função psicológica superior como a atenção na aprendizagem de determinado conteúdo, só contribuirá com o aprendizado de conteúdos parecidos, pois o desenvolvimento de uma capacidade não significa o desenvolvimento de outra. Assim uma criança pode ser boa em matemática e física, mas não simpatizar com geografia ou português. Cada área específica exige o desenvolvimento de uma capacidade coerente com suas características. Desta forma, o aprendizado de um conteúdo não significa o aprendizado de outro, mas o conteúdo dominado servirá de base para que o aluno focalize sua atenção sobre o que ele pretende explorar.

Tomando como base esta teoria pode-se afirmar que, ao aprender, a pessoa cria estratégias de aprendizagem, que poderá contribuir com a aquisição de outros princípios, no solucionamento de outros problemas e/ou na execução de atividades que pode ou não ter semelhança com as já executadas.

Tudo que aprendemos ao resolvermos uma tarefa, será posteriormente utilizado na solução de outra, nada é descartado em nosso processo de desenvolvimento cognitivo, todos

os nossos aprendizados são como uma teia de aranha, e estão conectados uns com os outros favorecendo o nosso desenvolvimento.

No entanto, Vigotsky (2007), afirma que segundo esta teoria, “[...] ao dar um passo na aprendizagem, a criança dá dois no desenvolvimento, ou seja, o aprendizado e o desenvolvimento não coincidem.” (p.94) E para que a aprendizagem aconteça, é necessário que a criança já esteja preparada cognitivamente e que tenha estruturas formadas para fazer interligação entre o que ela já sabe e as informações novas que estão sendo lhe transmitidas.

3.2 A importância da aprendizagem para o processo de desenvolvimento cognitivo

A relação estabelecida entre o desenvolvimento e a aprendizagem no ambiente escolar é o foco principal da teoria de Vigotsky (2007), que para melhor compreendê-la promoveu uma discussão a cerca das posições teóricas expostas anteriormente. Embora não compactue com estas idéias, elas serviram de base para as suas reflexões.

Ao falar em aprendizagem, deve-se levar em consideração que ela não ocorre apenas quando a criança ingressa no ambiente escolar, mas, à medida que ela nasce e vai estabelecendo os primeiros contatos com o ambiente, vai adquirindo suas primeiras aprendizagens. Neste sentido, Vigotsky (2007) coloca que: “o aprendizado tal como ocorre na idade pré-escolar difere nitidamente do aprendizado escolar, o qual está voltado para a assimilação de fundamentos do conhecimento científico” (p.94). No entanto, a aprendizagem antes da idade escolar não é o foco da teoria de Vigotsky, pois, ele se debruça principalmente na aprendizagem dos conteúdos sistematizados do ambiente escolar, e com base neste conhecimento desenvolvendo o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal que trouxe contribuições para prática do professor.

Para que compreendamos como se dá a aprendizagem no ambiente escolar é necessário que se leve em consideração o nível de desenvolvimento real e a zona de desenvolvimento proximal que o aluno apresenta em seu processo de aprendizagem. Neste sentido, Vigotsky (2007) define o nível de desenvolvimento real com sendo: “[...] o nível de desenvolvimento das funções mentais da criança que se estabeleceram como resultado de certos ciclos de desenvolvimento já completos” (p.96). Ou seja, o nível de desenvolvimento real de uma pessoa envolve tudo que ela é capaz de realizar sozinha sem colaboração de um mediador ou ajuda de alguém.

Neste sentido, se uma criança não é capaz de realizar sozinha uma atividade que lhe é proposta para determinado nível de desenvolvimento e precisa da ajuda de alguém para

solucioná-lo, isto significa que aquele ciclo de desenvolvimento ainda não está completo e que ainda não atingiu o nível de desenvolvimento ideal para a aquisição daquele conhecimento que lhe é proposto, quando conseguir realizar as atividades sem ajuda, ela terá atingido o seu nível real de desenvolvimento.

O ensino não deve está focado no que o aluno já sabe realizar, mas sim, deve buscar superar todos os dias o nível que o aluno se encontra, contribuindo, assim, para a superação de suas principais dificuldades de aprendizagem. Para isso ocorrer é necessário que o professor atue principalmente no que Vigotsky (2007, p. 97) chamou de zona de desenvolvimento proximal: “[...] a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através das soluções independente de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração como companheiros mais capazes.” Assim, deve-se buscar conhecer o nível potencial, o que o aluno será capaz de realizar futuramente se receber uma mediação eficiente.

Com o conhecimento do nível potencial do aluno o mediador pode desenvolver estratégias pedagógicas que o ajude a supera os principais problemas de aprendizagem. Desta forma, Vigotsky (2007) afirma que o nível potencial de uma pessoa será seu nível real em um futuro próximo.

Pode-se afirmar que duas crianças com o mesmo nível de desenvolvimento, onde uma frequenta a escola diariamente e recebe do professor os estímulos necessários, esta atingirá seu nível potencial mais facilmente que a criança com mesmo nível de desenvolvimento, mas que não frequenta a escola, para que seu desenvolvimento seja estimulado.

O conceito de zona de desenvolvimento proximal de Vigotsky (2007) abrange vários aspectos do processo de aprendizagem, incluindo o seu ponto de vista a cerca da imitação, neste sentido, ele coloca que:

Uma compreensão plena do conceito de zona de desenvolvimento proximal deve levar a reavaliação do papel da imitação na aprendizagem [...]. Pensa-se na imitação como processo puramente mecânico. Recentemente, no entanto, a psicologia tem demonstrado que uma pessoa só consegue imitar o que está no seu nível de desenvolvimento. (2007, p.99)

A imitação é utilizada pela criança antes de entrar no período escolar, quando ela começa a executar as brincadeiras de representação, a qual utiliza para fazer representações do mundo ao seu redor, das relações estabelecidas com outras pessoas, de situações por elas presenciadas, dentre outras. Já na fase escolar ela é utilizada pelos professores para facilitar o aprendizado dos alunos. Porém, apesar de sua capacidade de imitar coisas que vão além de sua capacidade, o professor deve levar em consideração o nível maturacional de seus alunos, e

transmitir os conteúdos em um nível de complexidade coerente com a idade mental de seus alunos levando em consideração o seu nível potencial.

Vigotsky (2007) revela que: “[...] A noção de zona de desenvolvimento proximal capacita-nos a propor uma nova fórmula a de que o bom aprendizado é somente aquele que se adianta ao desenvolvimento”. (p. 102) Com isto, ao percebermos o nível potencial de nossos alunos podemos criar estratégias, para que consigam realizar sozinhas as tarefas que eles só conseguem com ajuda, adiantando-se ao desenvolvimento e impulsionando-o para atingir seu nível real de desenvolvimento.

O conhecimento segundo Vigotsky (2007) é construído através da interação que o indivíduo estabelece com seu grupo social e quanto mais oportunidades de interação social é proporcionada a criança mais rapidamente ela vai desenvolver-se, ampliando assim o seu vocabulário linguístico, sua interação com o objeto de conhecimento e favorecendo a aquisição de novas aprendizagens.

Desta forma, a aprendizagem é colocada como aspecto inicial no processo de desenvolvimento, servindo assim de suporte para que ele venha a ocorrer. Neste sentido:

[...] A aprendizagem é um momento interiormente indispensável e universal no processo de desenvolvimento de peculiaridades não naturais, mas histórica do homem na criança. Toda aprendizagem é uma fonte de desenvolvimento que suscita para a vida uma série de processos, que sem ela, absolutamente não poderá surgir. (VIGOTSKY, 2001, p.484)

Fica evidente, a importância atribuída ao processo de aprendizagem para o desenvolvimento da criança no ambiente escolar. É por meio da aprendizagem que se estabelece o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, de forma que, uma criança que tem mais facilidade em aprender, consequentemente terá um melhor desenvolvimento, ao contrario de uma criança que tenha dificuldade na aquisição da aprendizagem e que aprende de forma mais lenta.

O conhecimento do nível de desenvolvimento potencial do aluno levará um professor que tem compromisso com seus alunos e com a educação a intervir diretamente no potencial, levando-o a avançar em seu aprendizado de forma que o aluno supere os principais problemas enfrentados no processo de aquisição dos conhecimentos escolares, que muitas vezes impossibilitam de avançar nos níveis de conhecimento. Neste sentido Vigotsky (2001 p. 486) diz que: “[...] os processos de desenvolvimento não coincidem com os processos de aprendizagem. Os primeiros vêm atrás do segundo, que cria zona de desenvolvimento imediato.” Desta forma os processo de desenvolvimento só iniciam à medida que a criança adquire alguma aprendizagem para servir de apoio no seu desenvolvimento.

Devemos considerar também, que ao ingressar no aprendizado escolar a criança vem carregada de conhecimentos adquiridos através de suas vivências com outras pessoas, e de sua atuação em seu ambiente familiar, de seu convívio com colegas, amigos, vizinhos com quem troca informações e experiências. Estes conhecimentos pré-escolares adquiridos sem uma intervenção sistematizada servirá de base para os conhecimentos sistematizados que serão adquiridos na escola com a intervenção do professor.

Com base em todas estas explicações, podemos concluir que, Vigotsky (2007), com sua teoria histórico cultural, defendendo a aprendizagem como uma construção coletiva, baseada na troca de conhecimento estabelecida entre as crianças e os sujeitos, na mediação como um fator se suma importância para aquisição dos conhecimentos sistematizados, traz grandes contribuições para o trabalho docente. Pois em sua concepção o indivíduo não se desenvolve sozinho em um ambiente isolado, mas, necessita do contato com outras pessoas, com o conhecimento, com a língua e com a cultura para poder se desenvolver. Assim, como afirma Oliveira (2010, p.64):

Como na escola o aprendizado é um resultado desejado, é o próprio objetivo do processo escolar, a intervenção é um processo pedagógico privilegiado. O professor tem o papel explícito de interferir na zona de desenvolvimento proximal dos alunos, provocando avanços que não ocorreriam espontaneamente.

A interação social sempre foi um fator determinante na aquisição de conhecimento, assim aconteceu com os homens primitivos ao iniciar o seu processo de evolução e se reunirem em grupos começando a utilizar objetos para se proteger e assim adquirindo novos conhecimentos, desenvolvendo novas habilidades, novos materiais que os auxiliassem na adaptação as mudanças ocorridas no planeta. Da mesma forma ainda ocorre até os dias atuais, no que se refere à aquisição da aprendizagem, pois esta se dá melhor organizada de forma coletiva através da troca de informações mediada pelo professor, entre crianças em diferentes níveis de conhecimento.

É notória a contribuição do conhecimento da zona de desenvolvimento proximal para a aquisição dos conhecimentos escolares, pois através do conhecimento do nível de desenvolvimento real, da zona de desenvolvimento proximal, podemos compreender a relação que existe entre o desenvolvimento e a aprendizagem, de forma que mudemos a nossa visão de que ao aprender um determinado conceito o aprendizado e o desenvolvimento estão concluídos e que não devemos mais nos preocupar, mas que passemos a entender que este é apenas o início do processo, e que a criança ainda tem muito que aprender, já que, a aprendizagem é contínua e não pode ser limitada a uma determinada idade ou ano escolar.

O conhecimento deve assim, seguir não só ao que se estabelecem nos currículos, mas, principalmente deve está voltado aos alunos, pois, são eles quem demostram ao professor o que já são capazes de aprender, o ritmo e a metodologia que ele deverá utilizar na transmissão do conhecimento para que este seja re-significado e compreendido pelos alunos. Em suma, o ensino deve está voltado primeiramente para o aluno e em seu nível de desenvolvimento potencial para que por meio da aprendizagem possa desenvolver suas capacidades intelectuais apresentando ou não alguma dificuldade.

Após termos realizado estudos a cerca das dificuldades de aprendizagem, a diferenciando dos distúrbios, conhecido como se dá a relação estabelecida entre o desenvolvimento e a aprendizagem na concepção de Vigotsky (2007), bem como, a importância do professor conhecer sua teoria da zona de desenvolvimento proximal para promover a aprendizagem das crianças, foi realizada uma pesquisa para conhecer o que as professoras sabem a cerca do tem abordado. A seguir descreveremos os procedimentos metodológicos adotado na coleta dos dados.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

No decorrer da elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) realizou-se uma pesquisa, objetivando obter informações do conhecimento que as professoras de uma escola municipal da cidade de Campina Grande possuem a cerca das dificuldades de aprendizagem, apresentadas por muitas crianças em idade escolar. Sabendo que pesquisa, é uma:

[...] atividade básica das ciências na sua indagação e descoberta da realidade é uma atividade e uma prática teórica de constante busca que define um processo intrinsecamente inacabado e permanente. É uma atividade de aproximação sucessiva da realidade que nunca se esgota, fazendo uma combinação particular entre teoria e dados (MINAYO 1998, p. 23).

Desta forma, é por meio da pesquisa que se podem obter informações sobre a realidade que se deseja conhecer e com este conhecimento buscar subsídios para compreender e analisar esta realidade.

Neste sentido, optou-se por realizar uma pesquisa do tipo qualitativa. Pesquisa esta, que se caracteriza pela busca de informações que não pode ser adquiridas se levarmos em consideração uma grande quantidade de pessoas em sua realização, pois a modalidade de pesquisa qualitativa segundo Minayo (1998, p. 28) nos encaminha “para o universo de significações, motivos, aspirações, atitudes, crença e valores”, que não pode ser adquiridas utilizando os mesmos instrumentos da pesquisa quantitativa.

Oliveira (2010, p. 37) define pesquisa qualitativa ou abordagem qualitativa como sendo: “um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação.” É neste sentido que se buscou obter informações a cerca da temática. Godoy (OLIVEIRA, 2010, p. 39) aponta quatro principais características da pesquisa qualitativa, que são:

1. Ambiente natural como fonte direta de dados, e o pesquisador como instrumento fundamental;
2. Caráter descritivo;
3. Significado que as pessoas dão as coisas e a sua vida, que deve ser uma preocupação do investigador;
4. Enfoque indutivo.

Desta forma pode-se afirmar que a realização da pesquisa qualitativa é de suma importância para que se possa compreender as diferentes realidades existentes e que o pesquisador é o principal responsável pela aquisição das informações necessárias para esta

compreensão, pois a mesma permite fazer uma descrição da realidade pesquisada e com base nesta descrição realizar análises a cerca desta realidade. Minayo coloca que:

Os dados qualitativos são importantes na construção do conhecimento e, também eles, podem permitir o início de uma teoria ou a sua reformulação ou clarificar abordagens já consolidadas, sem que seja necessária a comprovação formal quantitativa (1998, p.23).

Em síntese, pode-se afirmar que a pesquisa qualitativa nos permite conhecer a realidade de forma mais abrangente, presando não pela quantidade das informações adquiridas, mais sim, pela sua qualidade, levando em consideração apenas as que vão de acordo com os objetivos da pesquisa, as que têm a ver com tema estudado, sendo descartados os dados que não tem relevância e nem auxilia na compreensão do tema ou realidade estudada.

4.1 Instrumentos da coleta de dados

4.1.1 Entrevista estruturada

É um tipo de instrumento utilizado na coleta de dados da pesquisa qualitativa, proporcionando ao pesquisador interagir diretamente com os sujeitos sobre os quais se deseja conhecer. Ludke e André (1982, p. 34) afirmam que: “A grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos”. Neste sentido, objetivou-se realizar uma entrevista estruturada, que segundo estes autores se configura pela utilização de um roteiro de perguntas que deverá ser direcionadas a todos os entrevistados da mesma maneira e com a mesma ordem. Está modalidade de entrevista se diferencia do questionário, por exigir a presença direta do entrevistador para esclarecer eventuais dúvidas que possam surgir a cerca das perguntas realizadas.

Os mesmos autores apontam que este tipo de pesquisa “[...] é usada quando se visa à obtenção de resultados uniformes entre os entrevistados, permitindo assim uma comparação imediata, em geral mediante tratamento estatístico.” (idem). Desta forma, foi elaborado um roteiro contendo onze perguntas discursivas, que aborda todas as informações que se deseja obter. Questões estas, que abarcam o conteúdo em si, as informações que as professoras possuem sobre o tema, e as experiências vivenciadas em sala de aula, sobre as quais, as professoras puderam argumentar e expor seus conhecimentos.

A aplicação da entrevista levou em consideração a disponibilidade de tempo das professoras, sendo efetivada em dias alternados. Teve como primeiro momento a exposição do tema, em seguida o esclarecimento de eventuais dúvidas com relação às questões ou ao tema. Na sequência, foi pedido que respondessem levando em consideração os seus conhecimentos. Neste momento, algumas professoras por estarem em hora de aula e com muito trabalho, não puderam responder. A estas professoras, foi disponibilizado um prazo maior, permitindo que respondessem em um momento oportuno e assim refletir a cerca de suas respostas.

Das cinco professoras que ministram aula na escola campo de pesquisa no período da manhã, apenas quatro se dispuseram a participar da pesquisa, pois a professora P3 do quarto ano se negou a participar da pesquisa, argumentando muito trabalho, falta de tempo e falta de interesse sobre o tema.

Em síntese, a escolha da entrevista estruturada para a coleta de dados foi realizada levando em consideração, a sua praticidade, viabilidade na aquisição das informações, o tempo utilizado para a aplicação, bem como o fato de ser uma técnica que permite ao pesquisados expor suas opiniões, e seus conhecimentos a cerca do assunto.

4.1.2 Observação participante

A observação participante se configura como uma das principais técnicas para coleta de dados da pesquisa qualitativa, daí a sua importância para a compreensão da realidade na qual estamos inseridos. Schwartz e Schwartz (apud MINAYO, 1998, p. 135) sugerem o seguinte:

Definimos observação participante como um processo pelo qual mantém-se a presença do observador numa situação social, com a finalidade de realizar uma investidura científica. O observador está em relação face a face com o observado e, ao participar da vida deles, no seu cenário cultural, colhe dados. Assim o observador é parte do contexto sob observação, ao mesmo tempo modificando e sendo modificado por este contexto.

Partindo dessa definição se percebe que o observador não se coloca de forma neutra no campo de pesquisa, apenas para colher dados. Pois no período de coleta de observação ele é modificado e modifica os sujeitos e o ambiente que deseja conhecer. Foi nesse sentido que para a coleta de dados optou-se primeiramente pela realização da observação participante, buscando conhecer primeiramente a realidade da escola pesquisada. Através da atuação neste local de construção do conhecimento, pode-se colher informações que permitisse esclarecer

algumas questões que se desejava conhecer, informações estas, que não poderiam ser colhidas se fosse utilizado outro instrumento pelo seu caráter qualitativo. Além de poder confirmar ou conferir as informações obtidas na entrevista estruturada.

A observação participante foi desenvolvida de forma livre, sem utilização de roteiro pré-estabelecido. Teve como foco a atuação das professoras, sendo realizada a luz dos objetivos da pesquisa. Desta forma, ela se deu no período que vai de 14 de fevereiro até 24 de março de 2012, pela manhã. Nas primeiras semanas, a observação ocorreu todos os dias e a partir da terceira semana ela passou a ser realizada apenas dois dias por semana. Neste tempo, foi escolhido para ser acompanhada de perto a professora do 1º ano e a do 5º ano do ensino fundamental. Levando em consideração que se tivermos a oportunidade de conhecer estas duas turmas pode-se ter uma visão aproximada da metodologia de trabalho da escola.

Todas as informações consideradas relevantes para a compreensão do tema abordado e que iam de acordo com os objetivos da pesquisa, foram registradas no diário de campo (em anexo), visando à preservação das informações. A observação participante proporciona o acompanhamento diário das professoras, permitindo ao observador obter conhecimentos a cerca de seus comportamentos, das relações estabelecidas tanto com as crianças quanto com a equipe técnica da escola bem como, das atividades desenvolvidas pelas professoras para se promover a aprendizagem dos conteúdos sistematizados.

Com isso pode-se concluir que a observação participante é um excelente instrumento de coleta de dados, pois nos permite obter informações de todo tipo e conhecer qualquer realidade, esclarecendo todo tipo de dúvidas que podem surgir sobre as diferentes realidades.

4.2 Lócus da pesquisa

Para a realização da coleta de dados foram utilizados critérios específicos, dentre eles destacam-se: ser uma escola pública e municipal, estar localizada em uma zona considerada de risco, oferecer do primeiro ao quinto ano do ensino fundamental, possuir equipe técnica responsável, dentre outros motivos. As professoras e a escola pesquisada receberam uma denominação fictícia, sendo chamada de Escola do Riacho das Piabas.

Considerando que a escola é uma instituição social cuja função é transmitir regras e valores produzidos na sociedade, bem como transmitir os conhecimentos construídos pela humanidade ao longo tempo, percebe-se a sua relevância na construção de sujeitos críticos e participativos. É importante também, conhecer como a escola está organizada para que se possam compreender as relações existentes neste espaço.

4.2.1 Aspectos físicos da instituição

A Escola do Riacho das Piabas funciona nos três turnos, manhã, tarde e noite, oferecendo o ensino fundamental e a EJA para a população que reside nas suas proximidades, atualmente ela está atendendo a 228 alunos. Quanto ao aspecto de conservação dos espaços, estes, apesar de já estarem necessitando de uma nova pintura, ainda se encontram em boas condições de funcionamento. Com relação aos aspectos estruturais e materiais, devemos levar em consideração que a escola precisa ter seus objetivos bem definidos para que se possa desempenhar o seu papel, desta forma seus espaços precisam ser organizados de forma a favorecer o aprendizado e desenvolvimento dos alunos.

Neste sentido, a escola dispõe de um laboratório de informática com 16 computadores, que deveria atender a todos os alunos da escola, mas atualmente se encontra restrito ao uso de funcionários, e raramente as professoras planejam atividades neste espaço de aprendizagem.

A escola dispõe também de uma sala de leitura, contendo uma variedade de livros e uma biblioteca móvel, espaço este que atualmente está passando por uma reforma, visando o conforto dos alunos na utilização deste local, que é bem visitado pelos mesmos. Ela possui um espaço físico para recreação que possibilita as crianças desenvolver diferentes tipos de brincadeiras, bem como a realização de aulas ao ar livre. Possui também, uma sala de professores; uma secretaria; uma cozinha; banheiros femininos e masculinos; banheiros para funcionários e um auditório que aparentemente necessita de uma reforma e de mais cadeiras para poder acomodar todos os alunos da escola.

Na Escola do Riacho das Piabas, as salas possuem uma boa iluminação, são bem arejadas, pois possuem basculantes que permite a passagem do ar, constituindo-se em um ambiente que favorece o aprendizado dos alunos.

O momento do recreio está dividido em duas etapas: às 09h00min. saem às crianças do primeiro ciclo (primeiro ao terceiro ano), em seguida sai os alunos do segundo ciclo, (quarto e quinto ano) com os alunos maiores. Este momento, as crianças aproveitam para merendar e em seguida brincar livremente. Aproveitam todos os espaços da escola, principalmente a quadra por traz da escola e o jardim. O anfiteatro é o lugar preferido para a brincadeira de esconde-esconde, de toca, de polícia e ladrão.

A escola dispõe também de uma horta que se encontra desativada. Apesar disto, pode-se colocar como ponto marcante observado o fato dela trabalhar com a questão ambiental e com o cooperativismo, e compostagem. A Escola do Riacho das Piabas, apesar de estar localizada em um bairro periférico e atender a uma população carente que se encontra em uma

zona de risco, se destaca, dentre as escolas do município, pois no ano anterior ela se encontrava dentre as três primeiras escolas com um melhor IDEBE (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica), demonstrando assim a eficiência do trabalho dos (as) professores (as).

4.3 Sujeitos da pesquisa

Como sujeitos da pesquisa, foi escolhido o corpo docente da Escola do Riacho das Piabas que atuam no período da manhã. É composto por cinco professoras, as quais serão denominadas de P1 (professora do primeiro ano); P2 (professora do terceiro ano); P3 (professora do quarto ano); P4 (professora do quinto ano); P5 (professora de educação física), e também a orientadora educacional.

Com relação à orientadora educacional, constatamos que ela é formada em Licenciatura Plena em Pedagogia, pela Universidade Estadual da Paraíba UEPB e atua como supervisora e orientadora educacional tanto no turno da manhã, quanto no turno da tarde na mesma escola. A ela compete orientar as professoras sobre como trabalhar determinados conteúdos e oferecer as crianças que apresentam dificuldade na leitura e na escrita um acompanhamento individualizado com atividades extraclasse, objetivando suprir nestas crianças as dificuldades que se estalam, tentando, assim, ajudá-las a superar seus principais problemas, de forma que possa acompanhar o ritmo das outras crianças.

Ela é responsável também, por acompanhar o planejamento das professoras e com base em suas necessidades e nas necessidades da turma, deve sugerir atividades que posam viabilizar e facilitar a aprendizagem. Desta forma, percebe-se, que a professora que executa a função de orientadora educacional tem um papel muito importante dentro da escola, pois é ela quem vai supervisionar o trabalho docente e ajudar a solucionar as questões de caráter pedagógico que irão surgir no contexto escolar.

As professoras, foco principal de nossa pesquisa, são todas formadas. P1, P2 e P3 são formadas em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba UEPB, P4 possui licenciatura em letras também pela UEPB e P5 possui Licenciatura em Educação Física e Especialização em Educação Física Escolar pela mesma universidade.

Das cinco professoras, que atuam pela manhã na escola, apenas P3 se negou a participar da pesquisa. Com relação a esta professora, foi percebida uma enorme falta de interesse e estímulo com a profissão, pois ela se apresentou como uma pessoa grosseira, que

não se preocupa com a formação dos profissionais que irão atuar em sua área de trabalho. A seguir traremos as discussões e análises dos resultados obtidos.

5 DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Considerando os objetivos deste trabalho, neste capítulo serão expostos os resultados da coleta de dados. Sendo iniciado com o relato das informações colhidas durante a observação participante, em seguida serão expostos os resultados da entrevista estruturada aplicada com as professoras. No primeiro dia realizou-se o reconhecimento da escola campo de pesquisa e também uma breve apresentação entre o pesquisador e os sujeitos. Neste momento foi constatada uma boa receptividade tanto por parte da gestora quanto das professoras que atuam no campo de pesquisa.

Os primeiros momentos da observação se deram na turma da professora denominada de P1, que assim como a professora denominada P2, se encontrava perto do período de sua aposentadoria e apresentava certo cansaço do trabalho docente, apesar deste fato P1 demonstra ter compromisso com seus alunos, pois desempenha um bom trabalho em sala de aula. Diferente de P2 que apesar de demonstrar uma boa autoestima não apresenta a mesma preocupação com os alunos, definidos por ela como sendo bem trabalhosos. Apesar do seu desinteresse, ocasionado pelo cansaço de muitos anos em sala de aula, P2 tenta desempenhar um trabalho de forma coerente com o proposto pela escola, mas que poderia ser melhorado para poder envolver e estimular os seus alunos.

Em vários momentos durante o acompanhamento do seu trabalho ela demonstrou está atenta ao comportamento e desenvolvimento de seus alunos, apontando de forma discreta e sem rotular, as crianças que possuem mais dificuldade em acompanhar o ritmo das outras; que possuem dificuldade em compreender a fala da professora, criança com dificuldade na coordenação motora fina e grossa, com problemas em se comunicar e interagir, que tem problemas em obedecer à regra e que se recusa a fazer as atividades. Segundo Fonseca (2009 p.161) “Alguns sinais podem comprometer o processo do desenvolvimento normal nas suas fases precoce, e por via deles implicar diferentes problemas nos estágios da aprendizagem a ele inerente”. É neste sentido, que por meio da observação realizada na turma da professora P1 pode-se perceber que ela possui conhecimento acerca das dificuldades de aprendizagens.

Durante um diálogo informal, P1 relatou que as crianças que possuem problemas de aprendizagem são acompanhadas pela orientadora e pela coordenadora educacional. Ela identifica as crianças que apresenta um comportamento diferenciado e juntamente com a equipe da escola faz o acompanhamento necessário oferecendo atividade extra para ajudar a desenvolver estas crianças. Todo este acompanhamento é realizado em concordância com os

pais, para que em casa ajudem o seu filho nas atividades, colaborando assim com o trabalho do professor.

Levando em consideração as discussões realizadas em capítulos anteriores que trata sobre a aprendizagem das crianças com deficiência foi percebido que a professora não compartilha com o pensamento de que só apresenta um comportamento fora do comum criança que tem alguma dificuldade, mas que todas as crianças precisam da atenção do professor, pois a criança pode não apresentar diariamente um comportamento anormal, mas em algum momento de sua vida eles podem surgir de forma passageira e sem muitos prejuízos para o desenvolvimento intelectual.

O segundo momento da observação foi realizado com a professora denominada de P4 que atua no quinto ano. Assim como P5, esta é uma excelente professora, pois demonstra uma enorme preocupação com a aprendizagem de seus alunos. Em vários momentos P4 se apresentou como uma pessoa verdadeiramente comprometida com a educação, encarando-a como uma forma de melhorar a sociedade. De acordo com suas idéias, desenvolve um trabalho baseado na conscientização, disciplina, no compromisso e no respeito ao outro. Esta professora, apesar de não ter formação específica em pedagogia apresenta uma didática de trabalho bem interessante, buscando envolver e motivar os seus alunos na descoberta do conhecimento sistematizado levando-os a refletirem sobre vários aspectos da aprendizagem, principalmente sobre a escrita e a leitura.

Com isso, pode-se afirmar que esta professora, apesar de não possuir uma formação que lhe proporcione conhecimento mais aprofundado sobre o tema, busca de forma individual se manter bem atualizada, para poder desempenhar um bom trabalho em sala de aula. Desta forma, durante várias conversas informais foi percebido que ela busca acompanhar o desenvolvimento de seus alunos, através de um sistema de avaliação que lhe proporciona identificar as crianças que possuem um desenvolvimento coerente com sua faixa etária e com o esperado para a referida série que está cursado.

Apesar desta forma de avaliação se apresentar como uma maneira de classificar os alunos, expondo e diferenciando as crianças que apresentam dificuldade em acompanhar o ritmo de seus colegas, ela permite a professora realizar um diagnóstico da turma e com base neste trabalho as possíveis dificuldades de cada criança realizando na dinâmica da sala de aula, agrupamentos produtivos de forma que todos possam desenvolver-se em cooperação uns com os outros.

Em todo o seu trabalho P4, busca a colaboração dos pais, conscientizando-os de seu compromisso com a educação dos filhos. Pois, segundo Fonseca (2009, p. 160) “Para se

desenvolver estratégias preventivas temos que considerar, para além dos educadores e dos professores, os próprios pais, pois como conhecem muito bem os seus filhos podem notar neles padrões de desenvolvimento diferentes mesmo no seio da mesma família.” Desta forma, o apoio da família é decisivo para que o professor desenvolva um trabalho verdadeiramente eficaz, de identificação e acompanhamento das crianças com DAs.

Considerando que: “A aprendizagem deve apoiar-se no desenvolvimento e aproveitar todas as funções já amadurecidas, pois só assim ela se torna frutífera e possível” (VIGOTSKY, 2001, p.490), utilizando estas funções amadurecidas como ponte de ancoragem para a aprendizagem de novos conhecimentos. Neste sentido, com relação a este problema de aprendizagem apresentado pelos alunos, podemos afirmar que a professora possui conhecimento sobre o assunto, pois realiza um bom acompanhamento identificando as crianças com dificuldades e caso necessário encaminha para a equipe da escola fazer uma avaliação mais precisa do desenvolvimento da criança, para em seguida poder acompanhar e promover a aprendizagem dessa criança.

Com isso, ficou em evidência que a professora planeja as atividades levando em consideração os conhecimentos que os alunos já possuem bem como o seu potencial, ou seja, sua zona de desenvolvimento proximal. Que segundo Vigotsky (2007)

A zona de desenvolvimento proximal prove psicólogo e educadores de um instrumento através do qual se pode entender o curso interno do desenvolvimento. Usando esse método pode dar conta não somente dos ciclos e processos de maturação que estão em estado de formação, ou seja, que estão apenas começando a amadurecer e a se desenvolver. Assim a zona de desenvolvimento proximal permite o delineamento o futuro imediato das crianças e seu estado dinâmico de desenvolvimento, como também aquilo que esta em processo de maturação (p.98).

Com este conhecimento o professor tem a possibilidade de atuar diretamente nas dificuldades de seus alunos partindo do que já sabem para se atingir o que se deseja que aprendam com a ajuda de uma intervenção. Impedindo assim a apresentação de dificuldades de escolarização definida por Ciasca (2003) como sendo dificuldade provocada pela dispedagogia.

Concluindo o período da observação, foi realizada com as professoras uma entrevista estruturada, na qual foram interrogadas sobre vários aspectos do tema abordado, considerando que Fonseca define dificuldade de aprendizagem como sendo “um conjunto heterogêneo de desordens, perturbações, transtornos, discapacidades, ou outras expressões de significado similar ou próximo, manifestando dificuldades significativas, e ou especifica no processo de aprendizagem verbal [...]”. (2009, p.142). Ao serem interrogadas sobre o que entendiam sobre DA atribuíram as seguintes respostas:

“É a dificuldade de aprender sistematicamente, pode ser orgânica ou emocional” (Orientadora);

“São as condições sócio-biológicas que afetam as capacidades de aprendizado do indivíduo, em termos de aquisição construção e desenvolvimento das funções cognitivas.” (P1);

“Fatores que prejudicam: estrutura familiar, motivação por corpo docente [...]” (P2);

“Uma questão que deve ser vista com carinho, mas que é real e presente de forma mais acentuada nos últimos anos” (P4);

“São as dificuldades apresentadas pelas crianças durante sua escolarização” (P5).

Na fala da orientadora educacional percebe-se que ela possui conhecimento sobre o que vem a ser dificuldades de aprendizagem, pois ela aponta uma característica deste “problema” enfrentado por muitas crianças que buscam o conhecimento sistematizado oferecidos no ambiente escolar. Característica esta, que é a origem destas dificuldades, ou seja, sua procedência que pode ser “orgânica” a qual Ciasca (2003) define como sendo distúrbio de aprendizagem, ocorrendo devido à falha no organismo que impede o desempenho cognitivo; ou “emocional” sendo causada por um eventual bloqueio que pode ocorrer em crianças que enfrentam problemas familiares, que apresentam um mau comportamento, por professoras despreparadas ou até em crianças que não demonstram ter problema algum, mas que por algum motivo o cérebro não processa as informações como deveria. A este aspecto a mesma autora denomina de distúrbio de escolarização, que pode ser provocado também por alguma frustração que a criança possa sofrer no ambiente escolar principalmente por meio de práticas educacionais que não promove o desenvolvimento cognitivo da mesma.

Da mesma forma, P1, fala que as dificuldades de aprendizagem são provocadas por fatores “sócio-biológicos” impedindo que o indivíduo desenvolva suas capacidades intelectuais, as quais Vigotsky (2007) denomina de funções psicológicas superiores. Desta forma Fonseca (2009, p. 149) aponta que “As DA podem resultar, portanto, de combinações de déficit de processamento, quer fonológico quer visual ou auditivo, com reflexos na lenta ou na recuperação pouco automatizada de toda a informação [...]”. Neste sentido, ao analisar a resposta atribuída pela professora, percebe-se que ela possui certo embasamento teórico, demonstrando assim que tem conhecimento sobre o assunto. Já P2 atribui uma resposta que foge um pouco do que foi perguntado transparecendo insegurança e incoerência em sua resposta.

Por sua vez P4, tenta com sua resposta nos conscientizar da nossa responsabilidade e compromisso com os alunos, demonstrando que devemos ficar atentos, pois a incidência de

crianças com problemas de aprendizagem tem sido muito frequente devido a vários fatores, dos quais se podem destacar os derivados de problemas emocionais causados por práticas pedagógicas que desestimulam os alunos, mas também pela falta de atenção dos pais.

Com relação à resposta de P5, é percebido, que ela reduz a dificuldade de aprendizagem apenas aquelas apresentadas pela criança no período da escolarização. Porém isto não é verdade, pois as crianças não apresentam as dificuldades de aprendizagem apenas quando entram na escola, pelo contrário, as DAs podem se manifestar antes desse período, como é o caso das dificuldades que comprometem a oralidade, o comportamento, dentre outras atividades do cotidiano das crianças, que podem perfeitamente ser percebidas pelos pais nas atividades diárias de seus filhos, no entanto as dificuldades no aprendizado dos conhecimentos sistematizados torna-se mais fácil de se identificar por ser um conhecimento possível de se conferir.

Segundo Vigotsky (2007 p.94) “... o aprendizado tal como ocorre na idade pré-escolar difere nitidamente do aprendizado escolar, o qual está voltado para assimilação de fundamentos do conhecimento científico”. Diferenciando assim as formas de manifestação das dificuldades de aprendizagem.

Considerando, que no processo de ensino e aprendizagem é importante conhecer os diferentes problemas que possivelmente pode ser enfrentado pelos alunos, percebe-se que as professoras ao serem perguntadas sobre o que entendem por distúrbio de aprendizagem, nomenclatura que muitos autores atribuem às dificuldades de aprendizagem, demonstram ter pouco conhecimento acerca do assunto, pois em suas respostas se distanciaram um pouco do esperado, não demonstrando possuir embasamento teórico sobre o tema. Levando em consideração, que Ciasca define Distúrbio de Aprendizagem (DA) como sendo:

[...] um déficit que envolve algumas habilidades, como: linguagem oral (fonologia, morfologia, semântica, sintaxe, pragmática), leitura (habilidade no uso da palavra, reconhecimento de letra, compreensão), escrita (soletra, ditado, copia) matemática (habilidade de cálculo básico, raciocínio matemático), e nas combinações e/ou relações entre elas (CIASCA, 2003, p. 25).

Percebe-se que, os distúrbios de aprendizagens podem se apresentar de diferentes formas no indivíduo, e também que em uma mesma pessoa pode ser detectados mais de uma forma de manifestação da DA. Assim, com a resposta de P1, nota-se fortemente a presença das idéias tanto de Fonseca (2009) quanto de Ciasca (2003), demonstrando assim que a professora tem domínio sobre o que lhe foi perguntado. Quanto às outras professoras interrogadas, apesar de suas falas não definirem o que realmente são os distúrbios de aprendizagem, elas apontam características relevantes do problema. No entanto, P5 fala que

“são todos os problemas enfrentados por crianças que estão fora da faixa etária”. Com relação a esta colocação, pode-se afirmar que não necessariamente crianças que estão fora da faixa etária são quem apresentam distúrbio de aprendizagem, mas também, crianças que estão nas suas respectivas séries podem apresentar este problema. Pois, a distorção de séries será uma consequência da não aprendizagem que impedirá a criança de acompanhar o nível de desenvolvimento das outras crianças de sua mesma idade.

Em seguida foi perguntado se existia alguma diferença entre distúrbio e dificuldade de aprendizagem. Neste sentido as professoras atribuíram às seguintes respostas:

“sim, distúrbio se caracteriza por ser um conflito e a dificuldade pode ser orgânica e emocional, precisa ser trabalhada por profissionais específicos” (orientadora);

“Sim. Um indivíduo c/ dificuldade de aprendizagem não apresenta necessariamente baixo ou alto QI, significa apenas que ele está trabalhando abaixo de sua capacidade devido a um fator com dificuldades em áreas como, por exemplo: visual ou auditiva” (P1);

“Ambos caminham juntos” (P2);

“Ambos são distintos porem um pode interferir na outra. Uma pode ser nata e a outra uma consequência” (P4);

“Sim, quando nos referimos a dificuldades de aprendizagem estamos enfatizando o desempenho escolar das crianças, enquanto em relação a distúrbio escolar enfatizamos o ambiente escolar da criança” (P5).

Com relação a estas respostas, constatou-se que todas as professoras tentaram atribuir uma diferenciação entre ambos os termos: distúrbio e dificuldade de aprendizagem, aos quais, como já foi mencionado, alguns autores atribuem a mesma definição mesmo se tratando de duas denominações distintas, mas que se confundem por estarem muitas vezes interligados, como foi mencionado na fala de P2 e P4. Já P1 nos levou a entender que distúrbio de aprendizagem não está relacionado a crianças com baixo nível de QI, mas afirma que crianças com QI elevado também pode apresentar problemas de aprendizagem em determinadas áreas do conhecimento. Ao levarmos em consideração as definições de Ciasca (2006) acerca de distúrbio de aprendizagem apontada por ela como sendo um problema neurológico que impede o processamento das informações por vias normais e dificuldades de escolar/aprendizagem definido com sendo um problema provocado por práticas pedagógicas que bloqueiam a aprendizagem, percebe-se que a resposta de P5 está completamente de acordo com as definições da autora.

Neste sentido, podemos afirmar que ambos os problemas estão relacionando a aquisição da aprendizagem dos conteúdos escolares, no entanto, o termo distúrbio adotado por Ciasca (idem) remete a problema neurológico comprometendo o armazenamento e

processamento das informações que chega ao indivíduo. Já o termo dificuldade utilizado por Fonseca (idem) abrange os problemas de aprendizagem relacionados a mau funcionamento neurológico, ou seja, de ordem orgânica, problemas de ordem social ou pedagógica, da interação e das formas de transmissão de conteúdos.

Ao serem perguntadas, acerca de quais os principais sinais apresentados por crianças que possuem dificuldade na aprendizagem, as professoras apresentaram as seguintes respostas: Orientadora: “Lentidão, abstração, desordem, tristeza, agitação”; P1: “De modo geral, a criança com dificuldade de aprendizagem apresenta uma linha desigual em seu desenvolvimento, suas dificuldades não são causadas por atraso mental ou transtornos emocionais necessariamente”. Como é pensado por muitos profissionais da educação que considera que dificuldades de aprendizagem e comportamentos anormais só são apresentados por pessoas que apresenta alguma deficiência, seja mental ou física, Vigotsky (2001) afirma que não é verdade, pois, diz que: “formas de comportamentos anormais podem ser encontrados também em pessoas normais, representando um comportamento provisório e passageiro.” (p.379)

A esse respeito P2 responde que: “Sempre ausente na observação, hesita em responder, oralmente e escrita”; P4: “Angústia, autoestima baixa”; P5: “Falta de atenção, indisciplina, agressividade, inferioridade, dificuldade na fala”. De fato, todas ou algumas destas características, podem ser apresentadas por crianças que possuem dificuldades de aprendizagem, crianças que não conseguem aprender e acompanhar o ritmo de desenvolvimento de seus colegas. Mas, se o professor lhe atribuir à devida atenção pode perfeitamente de acordo com os sinais emitidos pelas crianças, identificar os alunos que apresentam este problema. Fonseca afirma que,

Todos estes sinais são facilmente identificados por pais e professores, razão pela qual devem trabalhar em conjunto, pois só a sua sinergia estratégica envolvente e a permanente interação e comunicação podem encontrar vias alternativas de suporte e de apoio pedagógico e minimizar os efeitos das DA na criança ou jovem ou também no jovem com DA.(2009, p. 165).

Neste sentido, percebe-se que o primeiro passo é a identificação destas crianças para que, em seguida, possa ser realizado um estudo mais preciso e assim atribuir um acompanhamento coerente com a dificuldade da criança, para isso é de suma importância que pais e professores estejam em constante interação acompanhando a criança nas suas descobertas.

Na sequência, foi perguntado a cada professora se na escola e na sala de aula possuía algum aluno com dificuldade de aprendizagem, a esta pergunta foi unânime as respostas das

educadoras. Todas responderam que “sim”. Neste momento, também foi perguntado quem teria realizado este diagnóstico e a maioria respondeu que foi “a professora e a equipe técnica da escola”. Como pode ser conferido abaixo:

“O professor + a equipe técnica” (Orientadora);

“sim, mas não foi feito os testes específicos, pelo fato da equipe multiprofissional não possuir psicólogo” (P1);

“O médico” (P2);

“Eu mesma diagnostiquei e levei o caso a direção e a equipe técnica da escola” (P4);

“Geralmente são diagnosticados por nos professoras e equipe técnica” (P5).

Nas respostas das professoras, nota-se, uma confusão na diferenciação entre diagnóstico e identificação, pois, com base nas mesmas, apenas o aluno de P2 teve um diagnóstico realizado por um profissional mais capacitado para tal. Nas outras respostas podemos constatar que são as próprias professoras juntamente com a equipe técnica quem realizaram diagnóstico das crianças que apresentam dificuldade na aprendizagem. E de acordo com Fonseca (2009, p. 165),

A suspeição de uma dislexia, de uma disortografia ou de uma dismatemática, deve ser operada por um especialista em DA com formação pós-graduação em nível de mestrado ou professor com sólida formação psicológica, ou psicólogos com diversificada formação pedagógica, isto é psicopedagogo, ou paidólogos na expressão Vigotskiana.

Com isso percebe-se que o diagnóstico não pode ser atribuído por pessoas despreparadas, mais sim, por um profissional que tenha formação na área. No entanto, na resposta de P1 nota-se a ausência dos profissionais responsáveis pelo diagnóstico das crianças com DA na escola. Apesar de sabermos que não compete ao professor realizar o diagnóstico, mas sim, é sua obrigação identificar às crianças que podem estar enfrentando este problema e em seguida as encaminhar a equipe técnica da escola, para que juntamente com os pais busque os profissionais responsáveis por atribuir um diagnóstico preciso. Tal diagnóstico só pode ser atribuído por uma equipe muito disciplinar, composta por psicólogo, médico, psicopedagogo, dentre outros, porém acaba sobrando para o professor não só realizar a identificação, mas também todo o trabalho de acompanhamento e de intervenção pedagógica para que a criança consiga aprender.

Quando foi perguntado as professoras qual o profissional responsável pela identificação da pessoa com DA, ficou notório na fala de apenas uma professora que ela ainda não se inclui como responsável pela identificação dos alunos que apresentam dificuldade de

aprendizagem, enquanto as outras professoras demonstraram consciência de sua responsabilidade frente a estas crianças, como pode ser conferido abaixo:

“Professor e Psicólogo” (Orientadora);

“Os profissionais responsáveis por essa avaliação são os psicólogos, que aplicam testes específicos de inteligência, contendo os processos de aprendizagem” (P1);

“Equipe de psicólogos da rede ou demais” (P2);

“De início o professor e a equipe técnica da escola” (P4);

“Acredito que tanto os professores que convivem diariamente com as crianças como a equipe técnica tem um papel nessa identificação” (P5).

Sabendo que “o estudo é uma atividade em que ocorre apropriação de novos conhecimentos e cuja direção constitui o objetivo fundamental do ensino” (MEIRA e FACCI, 2007, p.139), é o professor o responsável por este direcionamento e pelo desenvolvimento dos conhecimentos oferecidos para as crianças. Sendo assim, é ele realmente, o principal responsável pela identificação dos alunos que não apresenta bom desempenho na aquisição desses conhecimentos.

Em seguida, foi perguntado como deve ser feito o diagnóstico e o acompanhamento das crianças. Com as respostas explícitas, ficou notório que a orientadora e P5 estão informadas a respeito deste aspecto, pois, atribuíram uma resposta completamente coerente com a esperada, aparentando um embasamento teórico acerca do assunto. Já a resposta de P2 apesar de breve, revela que esta tarefa não pode ser realizada por qualquer pessoa, mais sim, por uma pessoa preparada que entenda do assunto. Como pode ser percebido a seguir:

“Deve ser acompanhado por um psicólogo, psicopedagogo” (Orientadora);

“O diagnóstico devera ser realizado por um psicólogo que aplicara um teste específico, e o acompanhamento poderá ser feito através de variação de métodos como também fazer alguns ajustes na sala de aula – equipamento especial – assistentes de sala de aula, etc.” (P1);

“Por pessoas preparadas” (P2);

“O diagnóstico deve ser feito de forma sigilosa sem que a criança perceba” (P4);

“O acompanhamento das mesmas deve ser de forma natural, sem que estas se sintam diferenciadas” (P5).

Ou até mesmo excluídas do contexto escolar, sendo afastadas dos papéis de destaque nas comemorações, prejudicando assim a interação social dessas crianças. Na sequência, as mesmas, ao serem interrogadas sobre o que consideram como condição propícia para que

ocorra uma boa aprendizagem, apontaram aspectos importantes e que se complementam como pode conferir a seguir:

“condição propicia para que ocorra uma boa aprendizagem devemos despertar o desejo pelo saber, estimulando as potencialidades dos alunos através da afetividade e da confiança, fazendo com que eles sintam-se capazes de romper barreiras, realizar sonhos, levando-os a sentir satisfação pessoal” (P1);

“Acompanhamento dos técnicos junto ao professor” (P2);

“Uma família presente na assistência ao filho, um professor humano, comprometido, feliz bem remunerado, competente, uma escola em boas condições, um gestor (com tais competências) e uma criança viva e saudável” (P4);

“Um ambiente escolar agradável prazeroso para todos que participam da comunidade escolar” (P5).

Desta forma, P2 destaca o acompanhamento da equipe técnica da escola ao trabalho do professor. Pois ele não pode trabalhar sozinho, mas, precisa que a equipe de apoio lhe dê suporte principalmente no acompanhamento das crianças que apresenta dificuldade em aprender. Já P4, como pode ser visto acima, pontua aspectos importantes para que haja uma boa aprendizagem, no entanto, P5 fala que um ambiente propício para se aprender é aquele que é agradável e feliz.

É sabido que aprendemos quando interagimos com o objeto do conhecimento e para que esta interação seja produtiva é necessário que a criança se sinta bem no ambiente escolar já que “a aprendizagem é um momento interiormente indispensável e universal no processo de desenvolvimento de peculiaridades não naturais, mas histórico do homem na criança”. (VIGOTSKY, 2001, p. 489), pois é através deste processo que a criança vai desenvolver-se intelectualmente adquirindo o aprendizado necessário para sua vida futura. Com relação à pergunta, sobre como podemos lidar com as crianças que apresentam dificuldade de aprendizagem, as respostas foram as seguintes:

“Fazer acompanhamento psicopedagógico, trabalhar atividades alternativas” (Orientadora);

“Cabe aos professores e a “escola” atentar para as diferentes formas de ensinar, pois, há muitas maneiras de aprender. O professor assim como a escola deve ter consciência sobre a importância de criar vínculo com seus alunos através de atividades cotidianas” (P1);

“professor reciclado p/os fatos” (P2);

“1º trabalhar a afetividade dessas crianças, mostrando que as mesmas são capazes, trabalhando em conjunto com a família, traçando rotinas e métodos que possam cumprir” (P4);

“De forma natural ajudando-os, incentivando-os sempre” (P5).

Pode-se constatar, de fato, que as crianças com DA necessitam receber acompanhamento de um profissional preparado que lhe ofereça desafios coerentes com seu nível de desenvolvimento que lhe permita desenvolver-se cognitivamente. Para tanto é necessário que ele esteja bem preparado psicologicamente para que possa contribuir com a aprendizagem de seus alunos, trabalhando a sua afetividade para recuperar nessas crianças sua autoestima para que percebam que também são capazes de aprender da mesma forma que as outras crianças. O acompanhamento das crianças com DA deve ser realizado de forma natural sem que elas sejam taxadas e classificadas.

Ao serem perguntadas a cerca do papel dos pais no acompanhamento das crianças com DA percebe-se que as professoras P4 e P5 os consideram importantes, pois, os pais e os professores devem caminhar juntos para acompanhar e ajudar os alunos a desenvolver-se, proporcionando atividades que promovam a sua aprendizagem. Já P2, atribuiu uma resposta que não confere com o que foi perguntado, como se pode conferir a baixo:

“Procurar estabelecer uma relação de confiança e colaboração nas atividades cotidianas, disponibilizar materiais p/auxiliar na aprendizagem, valorizar sempre a criança, desenvolver estratégias e aprender com elas ao invés de só querer ensinar” (P1);

“Acompanhar a criança com um numero menor de criança em sala” (P2);

“Essencial. Deve caminhar juntos visando um bem comum” (P4);

“É de extrema importância a parceria entre professor e pais das crianças” (P5).

Em seguida perguntamos as professoras quais os principais problemas que enfrentam ao possuir crianças com DA em sala de aula. O principal problema apontado por elas foi o número elevado de alunos em sala, o que não confere com realidade daquela escola, no turno da manhã. Outro aspecto é a falta de apoio da família e o atendimento e atividade diferenciada que o professor tem que oferecer.

“Atendimento e atividades diferentes” (Orientadora);

“A adequação de currículo e o sistema de avaliação como também a família que ainda é vista como aquela que desvaloriza a educação formal em detrimento do trabalho” (P1);

“O numero de alunos e compreensão por parte dos técnicos” (P2);

“Falta de apoio da família” (P4);

“Acredito que seja a dificuldade de dar mais atenção a esses alunos devido ao numero elevado de crianças nas salas” (P5).

De fato, estes aspectos dificultam o trabalho docente em sala de aula, no entanto, foi percebido na observação, que as salas de aula não possuem um número muito elevado de

alunos, de forma que estes acompanhamentos individuais poderiam ser realizados se não fosse à sobrecarga dos professores, que muitas vezes trabalham os dois, ou até três expedientes para obter uma melhor condição social. Esta sobrecarga acaba acarretando falta de tempo para dedicar-se à aprendizagem de seus alunos. Pois, sabemos que este acompanhamento deve ser realizado até com as crianças que não apresentam nenhuma dificuldade em aprender, mas que o professor deve buscar acompanhar o seu nível de desenvolvimento, pois, cada ser é único e como tal possui características e desenvolvimento tanto físico como cognitivo diferenciado uns dos outros.

Com relação ao apoio da família, mencionado por P4, pode-se constatar que a mesma é frequente na escola campo de pesquisa, já que estas instituições possuem uma política de parceria com os pais, que periodicamente e assim que são solicitados pela direção ou pelas professoras que busca a sua colaboração, comparecem a escola.

Considerando que o professor não deve assumir o problema da não aprendizagem escolar sozinho é fundamental que o seu trabalho seja acompanhado frequentemente pelos profissionais responsáveis. Neste sentido, foi perguntada a orientadora educacional, o que ela faz para ajudar aos professores em seu trabalho. A mesma respondeu “Acompanhando sistematicamente as atividades realizadas e atendendo individualmente”. Com esta resposta pode-se perceber que, de fato, as professoras estão sendo assistidas pela orientadora educacional que frequentemente se encontra na escola para acompanhar o planejamento das professoras de forma que desperta nelas a obrigação de realizar o planejamento diário das aulas que serão trabalhadas com foi constatado no período da observação.

Em síntese, pode-se concluir que as professoras possuem algum conhecimento acerca das dificuldades de aprendizagem, no entanto, este conhecimento deve ser aprofundado para que possam estar bem preparadas para identificar, prevenir, melhor acompanhar e contribuir com o desenvolvimento de seus alunos. Pois, as DAs estão a cada dia mais presentes nas escolas dificultando o processo de aprendizagem das crianças e apesar de ser necessário o acompanhamento de uma equipe multidisciplinar acaba recaindo para o professor a função de promover a aprendizagem destas a qualquer custo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste trabalho, fruto de uma pesquisa, realizada em uma escola municipal da cidade de Campina Grande, a qual foi denominada de Escola do Riacho das Piabas, pôde-se conhecer um pouco do que as professoras sabem sobre as dificuldades de aprendizagens, as quais se deparam diariamente em suas salas de aula.

Todas as informações obtidas no decorrer do processo serviram para a tomada de consciência acerca da nossa responsabilidade na condição de educadores (as) responsáveis pelo desenvolvimento cognitivo de nossos alunos, pois a princípio, não se tinha esta visão de que a identificação das crianças que possuem dificuldade de aprendizagem é uma responsabilidade nossa, bem como, de que a teoria de Vigotsky pode nos ser útil nas nossas ações para promover aprendizagem nessas crianças.

Através de nossas análises, foi possível perceber como as professoras veem estes problemas de aprendizagem que são frequentemente apresentados no ambiente escolar e com base em suas considerações acerca do tema, pode-se concluir que as professoras da escola campo de pesquisa, têm algum conhecimento sobre as dificuldades de aprendizagem, mas, no entanto, para que possam desenvolver um trabalho de prevenção mais eficaz este conhecimento precisa ser aprofundado.

Estas considerações, nos fez perceber que por mais informações que possuímos estas nunca são suficientes para que possamos em nossa condição de professores e professoras considerar os nossos alunos como um todo e com isso promover o seu pleno desenvolvimento e uma aprendizagem realmente efetiva que não deixe falhas. No entanto, é necessário que busquemos a cada dia mais, estar nos atualizando e nos inteirando das discussões que são estabelecidas frequentemente acerca dos processos de ensino e aprendizagem, como também, dos problemas que surgem diariamente no ambiente escolar, para com este conhecimento realizar um trabalho cada vez melhor.

Com base nas observações realizadas com as professoras, pode ser percebido que a escola pesquisada dispõe de profissionais preparadas, todas com formação superior, que realizam um bom trabalho em sala de aula e apesar das dificuldades enfrentadas, buscam acompanhar o desenvolvimento de todas as crianças através de uma parceria com os pais. Mas, sabemos que só os professores não são suficientes para realizar o acompanhamento das crianças que já apresenta problemas de DA e que é necessário uma equipe técnica verdadeiramente interessada trabalhando em função colaborativa com os professores como foi percebido na atuação da orientadora educacional. Mas, também que os pais conheçam estes

problemas para que em casa, acompanhem seus filhos nas atividades diárias observando o seu desenvolvimento.

Sabendo que os professores e os pais estão diariamente interagindo com as crianças, sendo os principais responsáveis pelo seu aprendizado, percebemos que o conhecimento que possuem necessita ser aprofundado para que possam acompanhar a aprendizagem das crianças não só as que possuem DA, mas também todas as outras precisam da atenção para se sentir motivadas a aprender.

Com isso, percebemos que a informação é o melhor caminho para que busquemos cumprir com o nosso papel de educadores (as) e que o professor é para a criança uma referência devendo este se comportar como tal, já que as suas atitudes em sala de aula podem promover ou atrapalhar a aprendizagem de seus alunos. Pois, para que se promova a aprendizagem é necessário que o ambiente esteja favorável.

Portanto, todo o trabalho desenvolvido foi bastante significativo favorecendo a compreensão das dificuldades escolares e distúrbios de aprendizagem. Precisamos prestar mais atenção em nossos alunos e no processo de ensino e aprendizagem, levando em consideração o ser como um todo não só o seu cognitivo, mas também, as questões sociais que o envolvem e suas relações afetivas.

Com a conclusão deste trabalho, destaca-se a importância do professor buscar, a cada dia, mais conhecimento a cerca das dificuldades de aprendizagem bem como conhecer a teoria de Vigotski a cerca da aprendizagem, principalmente o seu conceito de zona de desenvolvimento proximal, que se aplicado de forma correta pode perfeitamente auxiliar no trabalho do professor já que, permite atuar diretamente no potencial de seus alunos levando em consideração as suas dificuldades para que possam avançar no conhecimento, pois, todos são capazes de aprender.

REFERÊNCIA

BRASIL. **Constituição da Republica Federativa do Brasil (1988)**. 12 ed. Belo Horizonte: Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais, 2011.

CARVALHO, Maria Salete Corrêa. **Dificuldades de aprendizagem**. 2009. Disponível em: <http://www.artigonal.com/educacao-artigos/dificuldades-de-aprendizagem-1228106.html>. Acessado em: 18/02/20012.

CIASCA, Sylvia Maria. (org.). **Distúrbios de aprendizagem**: proposta de avaliação interdisciplinar. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2003.

CIASCA, Sylvia Maria. Distúrbio de aprendizagem e transtorno de atenção: algumas reflexões. In: MALUF, Maria Irene (coord.). **Aprendizagem**: tramas do conhecimento, do saber e da subjetividade. Petrópolis, RJ, Vozes, ABPP-Associação Brasileira de Psicopedagogia, 2006.

DROUET, Ruth Caribe da Rocha. **Distúrbio da aprendizagem**. 4.ed. São Paulo: Ática, 2006.

FACCI, Marilda Gonçalves Dias. “Professor, é verdade que ler e escrever é uma coisa fácil?” _ Reflexões em torno do processo ensino _ aprendizagem na perspectiva Vigotskiana. In: MEIRA, Maria Eugênia Melillo e FACCI, Marilda Gonçalves Dias. (org.). **Psicologia histórica- cultural**: contribuição para o encontro entre a subjetividade e a educação. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2007.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio Século XXI Escolar**: O minidicionário da língua portuguesa. 4º ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2001.

FONSECA, Vitor Da. **Cognição, neuropsicológica e aprendizagem**: abordagem neuropsicológica e psicopedagógica, 3.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

HIGOUNET, Charles. **História concisa da escrita**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.p.10.

LUDKE, Menga. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MINAYO. Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: Pesquisa qualitativa em saúde. 5 ed. São Paulo-Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1998.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. Desenvolvimento e aprendizagem. In. **Vygotsky: Aprendizagem e desenvolvimento**: um processo sócio histórico. 5ed. São Paulo: Scipione, 2010.

SILVA, Nádia Maria Dias da. **Dificuldades de aprendizagem**. São João de Meriti, RJ. 2006. Disponível em: http://www.colegiosantamaria.com.br/santamaria/aprenda-mais/artigos/ver.asp?Artigo_id=1. Acessado em: 18/02/20012.

SOARES, Alex. **Dificuldades de aprendizagem, questão psicopedagogicas**. Itaperuna. RJ: Recanto das Letras, 2006

VIGOTSKY, Lev Semenovisch. Interação entre aprendizagem e desenvolvimento. In: **A formação social da mente: O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7º ed. São Paulo, Martins Fontes, 2007.

VIGOTSKY, Lev Semenovisch. O comportamento anormal. In: **Psicologia Pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

APÊNDICES

APÊNDICE A

DIÁRIO DE CAMPO

Observação: 14/02/2012

Neste primeiro dia de observação foi realizado o reconhecimento do campo de pesquisa, bem como a apresentação entre o pesquisador e os sujeitos a cerca dos quais se deseja conhecer, neste primeiro dia a gestora da escola nos recebeu muito bem assim como todas as professoras as quais fomos devidamente apresentadas.

Após esta apresentação, iniciou-se a coleta de informações sobre a escola, principalmente as referentes à estrutura e localização da mesma, na sequência foi pedido à permissão a professora do 1º ano para que pudesse ser realizada o início do acompanhamento das práticas docentes que teria início no dia seguinte, com a permissão da professora, deu-se por finalizada a primeira visita a escola.

Observação: 15/05/2012

Neste segundo dia de observação, foi realizado a identificação e o levantamento do perfil da professora atuante e da turma, com isso foi percebido que neste dia estavam presentes 9 alunos destes 4 são meninos e 5 meninas com faixa etária de 6 anos, destes a professora destacou uma menina que apresenta segundo ela um comportamento mais retraído, com dificuldade em se comunicar e que ainda não consegue escrever o seu nome nem da forma bastão. Em comparação com as outras crianças que já conseguem escrever o seu nome e grafar algumas letras observadas.

Também foi apontado pela professora um menino com problemas comportamentais definidos por ela com sendo “desobediente”, “inquieto”. É importante salientar que algumas colocações da professora eram realizadas de forma discreta sem que a criança escutasse o que estava sendo conversado. Foi com essas informações, que encerramos o primeiro dia de observação da prática docente.

Observação: 16/02/2012

Neste dia foi constatado a presença de 10 alunos destes 4 são meninos e 6 meninas. Com relação a prática da professora verificou-se que a mesma realiza atividades que proporcionam o trabalho com a coordenação motora e com a identificação das letras, já que seus alunos não sabem escrever e estão iniciando o processo de alfabetização, além de a

professora ter constatado que eles ainda tinham bastantes dificuldades em grafar as letras mesmo que sejam de forma bastão.

Para tanto a professora trabalhou com uma marchinha carnavalesca “mamãe eu quero” com base na qual foi trabalhada a vogal “A”. Nesta atividade todas as crianças tiveram um bom desempenho. Neste mesmo dia a professora destacou uma criança que segundo ela é muito carente afetivamente e financeiramente também, que apresenta dificuldades em recuperar a fala da professora, dificuldades em dar recados.

Pode-se afirmar que a professora é bem atenciosa, atende os alunos com bastante calma e paciência, ajudando-os a realizar as tarefas, no entanto ela demonstrou está descontente com a educação e prestes a se aposentar mesmo sem ter atingido a idade necessária para o tal. Mas apesar de tudo isso ela não desconta em seus alunos as suas frustrações. Pois, a todo o momento ela busca fazer o que está ao seu alcance para ensinar e educar os seus alunos.

Observação: 17/02/2012

Neste dia foi constatado a presença de 9 crianças sendo 5 meninos e 4 meninas. O menino definido anteriormente pela professora como tendo dificuldades em obedecer a regras chegou bem agitado, e não ficava quieto, neste caso a professora o colocou separado das outras crianças e pediu que ele refletisse sobre suas atitudes, e definisse se foi bom ou ruim, com isso foi percebido que com esta prática da professora as crianças sempre conseguiam realizar uma avaliação coerente com suas práticas.

No desenvolvimento das atividades foi visto que alguns alunos apresentam falta de concentração e lentidão, com isso a professora busca chamar atenção das crianças a todo o momento para que não percam o foco da atividade.

Observação: 18/02/2012

Neste dia a professora teve que se ausentar e outra professora ficou responsável pela turma, com isso pode-se realizar um acompanhamento mais aproximado das crianças, podemos observar que apesar de estarem no primeiro ano e já terem estudado em creches a maioria dos alunos apresentam muita dificuldade na coordenação motora e alguns não conseguem identificar as vogais, nem escrever o seu nome sendo realmente necessário este trabalho que a professora vem desenvolvendo.

Apesar da professora se encontrar ausente, observamos que ela é bem organizada, pois, deixando com sua substituta seus planos de aula e todas as atividades que deveriam ser destinadas as crianças. Com essas colocações foi finalizada a observação do dia 18/02.

Observação: 27/02/2012

Neste dia foi iniciada a observação da professora da turma do 5º ano, a qual nos recebeu muito bem, assim como os alunos que neste dia eram 17 alunos, destes, 11 são meninas e 6 meninos. Foi verificado que sala de aula encontra-se dividida por níveis, definidos de acordo com o desenvolvimento dos alunos. Apesar de ser uma turma de 5º ano ainda possui alunos que não tem domínio da leitura e da escrita e do cálculo, principalmente das operações básicas de adição, subtração, divisão e multiplicação. Em uma conversa informal com a professora, foi relatado que muitos dos alunos não sabem nem se organizar em seu próprio caderno, não conseguindo se situar no espaço da folha.

Com relação às atividades a professora falou que muitos têm preguiça de estudar e não fazem as atividades de casa, dificultando assim o seu trabalho em sala de aula. Neste dia a professora deu aula de matemática, abordando o conteúdo: classes numéricas. Com base nestas atividades pode-se de fato constatar que as colocações da professora eram realmente verídicas, pois foram compreendidas de fato as dificuldades que os alunos possuem para compreender o conteúdo.

No trabalho com este conteúdo a professora utilizou estratégias para tentar envolver os alunos, uma delas é adotada em total concordância com os pais e a direção, pois a professora deixa sem recreio e sem aula de educação física todos os alunos que não fazem as tarefas, tentando assim estimular e desenvolver as responsabilidades nestas crianças, orientando-os a cumprir com suas obrigações. As atividades são as mesmas para todas as crianças.

Observação: 28/02/2012

Neste dia a professora desenvolveu uma atividade que estimula a oralidade, ela pediu que cada aluno trouxesse para a aula um texto que gostaria que os outros alunos lessem, primeiramente pediu que cada um apresentasse o seu texto mostrando o seu tema, com esta tarefa pode-se perceber que muitas crianças eram bem tímidas e por não saber ler convencionalmente ficava com vergonha na hora de expor o seu texto, em quanto outras já apresentavam uma leitura bem mais fluente e com segurança no que estava expondo.

Nesta turma pode se perceber que todos os alunos se relacionam muito bem, apresentando apenas pequenas discursões de vez em quando, o que é comum em uma sala de aula. Além do mais, ficou notório a boa relação estabelecida entre a professora e os alunos, tornando assim a sala de aula um ambiente agradável para se estudar.

Observação: 01/03/2012

Neste dia os alunos demonstraram dificuldade em ouvir as orientações e as regras estabelecidas pela professora para o desenvolvimento das atividades. No entanto alguns alunos já conseguiram se organizar melhor, e procuravam realizar as atividades de casa para não ficar sem recreio, no entanto alguns ainda relutavam em cumprir com suas obrigações. Para tentar quebrar com essa resistência diariamente estas crianças ficavam na sala respondendo as atividades. Frequentemente a professora agendava o atendimento aos pais, para conscientizá-los de sua responsabilidade para com seus filhos.

Observação: 06/03/2012

Neste dia a professora iniciou suas aulas com geografia, realizando uma atividade em que os alunos iriam construir as formas geométricas no caderno, ela deu início fazendo uma demonstração de como deveria ser realizada a atividade utilizando-se de régua, em seguida pediu que os alunos fizessem. No desenvolvimento foi percebido que os alunos também têm dificuldades com as questões de tamanho e de espaço, já que tiveram muita dificuldade em realizar as tarefas, alguns não chegaram a conseguir desenhar as formas.

Observação: 13/06/2012

Neste dia em uma conversa informal com a professora, foi percebido e apontado por ela de forma discreta para que a criança não ouvisse uma menina que não faz as tarefas, que tem preguiça até para andar segundo a professora, que completou dizendo que esta menina não tem nenhum problema neurológico e nem de aprendizagem, o único problema é a falta de compromisso e de disposição para fazer as tarefas. Toda esta resistência em querer aprender acaba dificultando e atrasando o seu desenvolvimento cognitivo.

Observação: 20/03/2012

Este dia foi destinado à aplicação da entrevista estruturada, na qual foi explicado para as professoras a cerca de que se tratava, e em seguida foi perguntado quem gostaria de participar. Das cinco professoras que se encontrava na escola, apenas uma se negou a participar, alegando falta de tempo e interesse com o assunto, revelando-se uma pessoa insegura e sem educação. Durante todo o período de observação foi percebido que está se mostrou insatisfeita com a sua profissão, mas, não tem coragem de procurar outra atividade que lhe de mais satisfação em executar.

Com relação às outras professoras, foi levando em consideração a sua falta de tempo já que estavam em sala de aula, neste sentido foram disponibilizadas as perguntas norteadoras da entrevista para que respondessem em casa e no dia seguinte devolvessem.

Observação: 21/03/2012

Neste dia eu compareci a escola para receber as questões da entrevista devidamente respondidas, mas não recebi todas, pois, a maioria das professoras ainda não havia respondido, algumas ainda resistiram em entregar as questões alegando não ter tempo para responder, o que realmente acontece, pois, constantemente estão desenvolvendo atividades extra de formação e também algumas trabalham os dois experientes uma na mesma escola e as outras não. Como não foi possível recolher naquele dia, foi dado continuidade com a observação da turma do quinto ano.

Durante diálogos estabelecidos com a professora acerca do tema da pesquisa, a mesma colocou que no ano anterior, em sua turma do turno da tarde identificou um aluno que tinha problemas de aprendizagem, e que durante todo o seu percurso escolar nenhuma professora tinha dado a devida atenção ao seu comportamento. Pelo contrário, esta criança era conhecida na escola com sendo problemática, desobediente e preguiçosa. Neste sentido foi perguntada a mesma se na turma atual teria percebido alguma criança com comportamento semelhante, ela respondeu que sim, que havia uma garota que tinha problemas de aprendizagem, e muitas vezes mistura a matemática com português, mas que as atividades destinadas a ela era a mesma das outras, porém ela a coloca sempre junto a uma criança mais desenvolvida que a ajuda a avançar, fazendo agrupamentos produtivos.

Com essa observação a professora comunicou a equipe técnica da escola com a finalidade de receber ajuda para poder acompanhar esta criança, já que ela não tem nenhum diagnóstico.

Observação 24/03/2012

Neste dia foi realizado o recolhimento das questões da entrevista estruturada que faltaram ser recolhidas e o encerramento da coleta de dados, assim agradecemos as professoras, a direção da escola e as crianças pela colaboração.

APÊNDICE B

PERGUNTAS NORTEADORAS DA ENTREVISTA ESTRUTURADA

Formação:

Instituição em que foi formado (a):

Tempo de formação:

- 1) O que você entende por dificuldade de aprendizagem?
- 2) O que você entende por dificuldade de escolarização?
- 3) Existe alguma diferença entre distúrbio e dificuldade de aprendizagem? Qual é?
- 4) Como você identifica crianças que apresentam dificuldade na aprendizagem?
- 5) Em sua sala de aula, você tem alguma criança na qual foi diagnosticada alguma dificuldade de aprendizagem? Se tem. Quem realizou este diagnóstico?
- 6) Em sua opinião, quais os profissionais responsáveis por esta identificação?
- 7) Como deve ser feito o diagnóstico e o acompanhamento das crianças com DA?
- 8) O que você considera como condição propícia para que ocorra uma boa aprendizagem?
Como os(a) professores(a) e a escola devem lidar com as crianças que apresentam dificuldade na aprendizagem?
- 9) Como os(a) professores(a) e a escola devem lidar com as crianças que apresentam dificuldade na aprendizagem?
- 10) Qual o papel dos(a) professores(a) e dos pais no acompanhamento das crianças com DA?
- 11) Quais os principais problemas enfrentados pelos (a) professores(a) que possuem crianças com dificuldade de aprendizagem em sala de aula?